

Operadores de Linotipo
St Clement Press, 1900
In: Kynaston (198)

Maria da Graça Bernardes e Silva

**O fator tempo no
jornalismo impresso**

Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós- Graduação em
Engenharia de Produção e Sistemas da
Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch.

Florianópolis
Outubro, 2002

Maria da Graça Bernardes e Silva

**O fator tempo no
jornalismo impresso**

Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós- Graduação em
Engenharia de Produção e Sistemas da
Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch.

Florianópolis
Outubro, 2002

MARIA DA GRAÇA SILVA

O FATOR TEMPO NO JORNALISMO IMPRESSO

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.
Coordenador



Prof. Eduardo Barreto Vianna Meditsch, Dr.
Orientador



Prof. Orlando Tambosi, Dr.
Membro



Prof. Francisco Karam, Dr.
Membro

A **Deus** que está sempre comigo nos momentos bons e nos difíceis. A Madre Paulina.

Aos meus pais, **Ilma e Osni** que consolidaram sua vida na terra durante a elaboração do presente trabalho. A eles a minha imensa gratidão. Nos veremos, tenho certeza, no tempo do reencontro.

A **Mônica** Cristina de Abreu pelo companheirismo, dedicação e incentivo ao longo deste trabalho.

Agradecimentos

A **Eduardo** Medistch pela orientação e confiança em mim depositada.

A meu irmão **Osni** e família: Ana, Renata e Conceição.

A **Tereza**, minha irmã e família: Gláucia e Júlio, Diego, Glauco.

A minha família materna e paterna, em especial, as tias **Dulce e Iracema**.

A **Suely Maciel** pela amizade e carinho de sempre.

A **Diva Gomes** por estar presente.

A **Maria Cristina Rosa Almeida** pelo incentivo.

A **Francisco Bicudo** por ser participativo.

A **Paulo Brito** e **Maria José Baldessar** pelo apoio.

A **Elenita Fogaça**, **Tatiana Lúcia de Souza** e **Humberto Flávio Zanola**, pela ajuda.

A **Roberto Gazzini** pela solidariedade.

A todos os/as **jornalistas** que colaboraram com este trabalho.

A **Rosimeri** e todos os funcionários da Secretaria de Pós-graduação do PPGEF.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é abordar o fator tempo como elemento fundamental na construção de um modelo de jornalismo diário impresso moderno. Para tanto, trabalhamos com os manuais de imprensa de dois grandes jornais brasileiros: O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, fundados em 1875 e 1921, respectivamente. Procedemos à investigação de como os manuais concebem o tempo, ou seja, como eles o percebem no seio da empresa jornalística. É por meio de normas que o tempo produtivo da empresa é controlado ficando todos os outros tempos sociais subordinados a ele. Por meio da observação, principalmente de procedimentos organizacionais, podemos perceber uma interpretação específica de percepção do tempo, caracterizada por ciclos estruturados em função de marcos temporais, estabelecidos por horários-limites de fechamento (*deadlines*). O foco principal é o jornalismo impresso com apoio de algumas formulações no âmbito da análise do discurso. No entanto, adotamos um referencial teórico pluridisciplinar, ancorado em conceitos e percepções de tempo inseridos em diversas abordagens histórico-sociais-culturais, necessários a sua compreensão. A inferência de nossa pesquisa indica que o tempo do jornal impresso é um tempo atrelado à atividade industrial em primeira instância que faz sentido na percepção do tempo capitalista moderno: linear, homogêneo e universal. Este tempo é concebido, principalmente, pela invenção do relógio mecânico. O relógio regula e controla a atividade jornalística moderna.

Palavras-chave: tempo, capitalismo, empresa jornalística, manual de imprensa.

ABSTRACT

The objective of this project is to approach the time factor as fundamental element in building a model of modern daily printed journalism. For that, the press manuals of two major Brazilian newspapers have been used: O Estado de S. Paulo and Folha de S. Paulo, founded in 1875 and 1921, respectively. The investigation of how the manuals conceive of time, that is, how they perceive it in the bosom of the journalistic company, ensued. A company's productive time is controlled by norms, being all the other social times subordinate to it. By observation mainly of organizational procedures, one can notice a specific perception of time, characterized by cycles structured in terms of time marks, established by deadlines. The main focus is printed journalism with the support of some formulations in the scope of discourse analysis. However, a multi-disciplinary theoretic reference has been adopted, anchored in concepts and perceptions of time inserted in various historical, social and cultural approaches that are necessary for its understanding. The inference of this research indicates that the time in printed newspaper is a time tied to industrial activity at first instance, which makes sense in the modern capitalist perception of time: linear, homogeneous, and universal. This time is conceived, mainly, by the invention of the mechanical clock. The clock rules and controls modern journalistic activity.

Key words: time, capitalism, journalistic company, press manual.

Sumário

Introdução.....	01
Origens do problema	
Metodologia da pesquisa	
Capítulo 1 Perspectivas teóricas	09
1.1 O tempo mítico.....	09
1.1.1 O tempo da narrativa.....	13
1.1.2 O tempo oriental e ocidental.....	16
1.2 O tempo filosófico.....	20
1.2.1 Que é o tempo?.....	24
1.2.2 O tempo da eternidade.....	26
1.2.2 O tempo de Deus.....	27
1.3 O tempo científico.....	28
1.3.1 Tempo espaço e duração.....	34
1.3.2 Os relógios do cérebro.....	36
1.3.3 O tempo da memória, percepção e história.....	41
Capítulo 2 O tempo da produção.....	44
2.1 O tempo moderno e o jornalismo taylorizado.....	44
2.1.1 O tempo e o espaço da rotina de produção dos jornais diários...50	
2.1.2 O tempo do relógio pré-capitalista.....	53
2.1.3 O tempo do relógio da sociedade industrial.....	55
Capítulo 3 O tempo do jornal impresso.....	59
3.1 O tempo e o espaço da notícia nos jornais diários.....	59
3.1.2 O tempo “moldador” do jornalista.....	62
3.1.3 O tempo controlado.....	67
Capítulo 4 Os manuais de imprensa de dois grandes jornais impressos.....	73
4.1 Tempo de normas.....	73
4.2 O tempo no manual da redação (FSP).....	76
4.3 O tempo no manual de redação e estilo (OESP).....	87
4.4 O tempo dos horários-limites (deadlines).....	91
Conclusão.....	106
Notas.....	112
Referências bibliográficas.....	115
Anexos.....	129

INTRODUÇÃO

No mundo moderno, em razão do progresso técnico e tecnológico, tem-se a noção que ele é muito pequeno. É possível receber imagens de acontecimentos em diversas partes do mundo em instantes. É o mundo do tempo instantâneo, presente, linear. É um mundo que consagra o presente.

A presente pesquisa nasceu, então, da tentativa de compreender este tempo que é responsável pela implantação de padrões racionais de gerenciamento do jornal-empresa, que se levarmos em conta o tempo histórico é recente: três décadas.

Como consequência, este novo tempo de produção do jornal impresso foi imposto por meio de normas estabelecidas em manuais, que por sua vez, controlam e moldam o produto-

final: a notícia. No mundo moderno “tempo é dinheiro”, ou seja, um tempo de valorização do valor.

A hipótese principal do presente trabalho é a de que o tempo moderno, *continuum*, é a peça-chave na compreensão do jornalismo impresso pautado pelo relógio, o seu principal suporte tecnológico.

A mudança vivida pela imprensa mundial, no século XIX, com a feitura do jornal de publicação diária e de consumo de massa, ou seja, o jornal deixou de ser elitista para tratar de temas abrangentes e de interesse de muitas pessoas, identifica uma nova maneira de perceber o tempo.

A pesquisa está centrada, no caso do jornalismo impresso, nos manuais de dois grandes jornais brasileiros: O Estado de São Paulo e Folha de S. Paulo, fundados em 1875 e 1921, respectivamente. Foram escolhidos em razão da pesquisadora residir e trabalhar em São Paulo.

Foram analisados o Manual de redação e estilo do Jornal O Estado de S. Paulo, terceira edição, de 1997. Trabalhamos com esta edição por ter sua posição bastante consolidada no

mercado, ou seja, sete anos após a edição pioneira, de 1990.

As reedições mantêm-se na mesma linha da terceira edição com alguns poucos acréscimos gramaticais.

No caso da Folha de S. Paulo, trabalhamos com o Manual de redação, edição 2002, por ser mais completo. A Folha tem como fio condutor um projeto editorial que começou a ser delineado na década de 70, porém, somente foi publicado pela Folha em 1984. Em segundo lugar, porque nele estão inseridas as normas de 1984 e 1987, além da última versão do projeto editorial de 1997.

Os manuais OESP e FSP ¹ foram escolhidos porque estão ligados aos dois jornais de referência nacional, são de conhecimento do público e representam a forma de organização desses jornais tanto pela ótica da gestão quanto pela práxis jornalística.

Um dos principais objetivos dos manuais é regular as ações de trabalho e com isso padronizar no tempo o fazer e o produto jornalístico. O presente estudo nos remeteu também

ao tempo dos horários-limites, prazos-limites (*deadlines*) de fechamento dos respectivos jornais.

Em relação aos métodos e procedimentos aplicados à pesquisa empírica, a análise de conteúdo, foi considerada como a via metodológica mais indicada em nosso trabalho. Foi utilizada na leitura dos manuais com o propósito de entender a abordagem que se faz do tempo. Esse tipo de análise qualitativa, segundo Laurence Bardan (1979) ajuda à compreensão de conteúdos sob formas variadas.

Com relação à entrevista informal, com base em respostas abertas, utilizada em nossa pesquisa, incorporamos algumas referências sobre esta ferramenta metodológica. Cremilda Medina (1995, p. 8) a define como uma técnica de interação social, de interpretação informativa, que quebra isolamentos grupais, individuais e sociais; deste modo servindo à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação.

Além disso, as entrevistas constituem importante ferramenta para coleta e análise de dados. Entre as vantagens deste

procedimento citamos a possibilidade de que os dados sejam analisados quantitativa e qualitativamente, principalmente na apuração dos horários-limites de fechamento dos jornais.

Ao longo de nossa pesquisa entrevistamos informalmente, por meio de conversas, um grupo formado ao todo por dez jornalistas (cinco do jornal Folha de S. Paulo e cinco do Jornal O Estado de S. Paulo) das editorias de economia, política e esportes. As editorias e as pessoas foram escolhidas intencionalmente, ou seja, por “amostras intencionais”. Um pequeno número de pessoas e de assunto são escolhidos intencionalmente em função da relevância que apresentam em relação a um determinado assunto.

Utilizamos também a entrevista aberta quando ouvimos responsáveis pelos jornais pesquisados, efetuando perguntas relacionadas com a história do meio impresso e principalmente com os manuais.

Para obter uma visão mais aprofundada do fator tempo, consideramos importante levar em conta o discurso. É bom lembrar que não fizemos do ponto de vista metodológico, uma

análise do discurso no sentido estrito já que não é intenção do presente trabalho. Mas, consideramos que uma leitura do discurso construído na experiência estudada poderia enriquecer a pesquisa. Fizemos assim, recortes do discurso inserido nos manuais pelos verbetes e do discurso dos jornalistas que trabalham nos dois respectivos jornais. Utilizamos a análise do discurso com base na perspectiva teórica da chamada escola francesa de análise do discurso (Fiorim, 1996).

No Capítulo 1, procuramos fazer um estudo do tempo mítico, do tempo filosófico e do tempo científico. Consideramos de suma importância para o entendimento do fator tempo, suas várias abrangências. Crono nos remete ao tempo mítico, cíclico, do *Aion*. O tempo filosófico traz a idéia de movimento do tempo. Já o tempo científico remete-nos ao cérebro humano na compreensão do tempo.

No Capítulo 2, abordamos o tempo da produção do jornalismo impresso moderno. Julgamos que a relevância do capítulo esteja apoiada nos estudos da organização do trabalho,

principalmente no tempo de trabalho medido por relógios da sociedade industrial. Contextualizamos esse novo marco temporal com o jornalismo impresso e suas mudanças tecnológicas para permanecer no tempo.

No Capítulo 3, abordamos a questão do tempo nas empresas jornalísticas, ou seja, como elas trabalham para fazer face ao tempo e espaço para garantir o trabalho diário da produção jornalística. Acreditamos que o estudo do tempo que possui um significado peculiar à comunidade jornalística foi fator preponderante para entendimento do tempo.

No Capítulo 4, abordamos, a questão do “tempo das normas”, como fator determinante na condução da empresa jornalística moderna. De acordo com, o Relatório Fast (*Forescasting and Assessment in the Field of Science and Technology*)(Chanlat 1996), importante programa de pesquisa, implementado em 1979 pelo Conselho de Ministros da Comunidade Européia, prevê que o trabalho, a despeito de transformações estruturais e culturais em curso, permanecerá

o grande regulador do tempo, em torno do qual continuarão a se organizar os outros tempos sociais.

No capítulo “Conclusão” destacamos os resultados de nossas análises, articulados com as discussões levantadas ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO 1

PERSPECTIVAS TEÓRICAS

1.1. O TEMPO MÍTICO

O tempo é considerado um mistério à raça humana mesmo estando colado feito pele ao homem. Implacável, ele não pára. Segue seu próprio rumo e não espera. Há o tempo de nascer. De morrer. Há o tempo de sonhar.

O tempo é ilusão? Se faz rugas em nossos rostos. Também cicatriza nossos ferimentos. Faz amadurecer. A fruta. Tempo de colheita. Há o tempo da perda, da improdutividade.

Vivemos preocupados com o relógio. No entanto, há no homem uma vontade latente de fazer o tempo parar. Ou de fazer o tempo andar. Somos presas do tempo. Ele é a essência da história universal. Sua notoriedade é justificada pelo poder do eterno. Nós mortais temos tempo de sobrevivência. E por isso mesmo e diante da inexorabilidade da morte, buscamos, incansavelmente, explicações de como tudo começou ou o

“início dos tempos”. No princípio eram os mitos. E o tempo mítico que é cíclico e renovável. Traz embutido em seu ser o tempo circular e a idéia do eterno retorno, de um devir, como se fosse um espelho e refletisse sempre as mesmas coisas. O tempo mítico amparado pelo mito carrega em seu cerne a poesia e a narração de deuses, entes sobrenaturais e suas ações.

O tempo mítico é um tempo sem história, um tempo que não envelhece e que procura dar explicações de como tudo começou, ou seja, o tempo do universo.

Um dos principais personagens míticos é Crono¹. Por engendrar o tempo mítico é um ser divinizado.

Crono *na mitologia grega* é filho de Úrano, o Céu, e de Géia, a Terra. É identificado como o “tempo personificado”. Já Khrónos² é o tempo objetivo.

“Se, na realidade, Krónos, Crono nada tem a ver etimologicamente com Khrónos, o Tempo, semanticamente a identificação, de certa forma é válida:

Crono devora, ao mesmo tempo que gera; mutilando a Úrano, estanca as fontes da vida, mas torna-se ele próprio uma fonte, fecundando Réia” (Brandão, 2000, p. 198).

De acordo com Brunel (1997), o gesto de Crono que castra seu pai para afastá-lo de sua mãe, significa um fator de distância necessário ao equilíbrio do cosmo.

Os pais de Crono - conhecedores do futuro - anunciaram que ele poderia ser destronado por um de seus seis filhos com Réia. Crono passou então a engolir os filhos à medida que nasciam. O único a escapar foi Zeus – considerado o pai dos deuses e dos homens. Para isso, Réia fugiu para a ilha de Creta com o propósito de dar à luz ao caçula. Após o nascimento, Réia entregou a Crono uma pedra envolvida em um pano como se fosse uma criança. Crono imediatamente a engoliu e assim, Zeus foi salvo.

Crono, portanto, nos remete ao tempo cronológico (Khrónos), medido pelo calendário e por eventos. É o tempo social, (com)-partilhado.

Para Dauphiné (1997)³, os discursos cosmogônicos essenciais à civilização ocidental são três: os védicos, a contribuição grega e a tradição hebraica. No caso dos mitos védicos dois merecem atenção especial: o da montanha sagrada e o do ovo do mundo:

“O primeiro comprova o papel capital do Monte Meru, moradia dos deuses criadores e eixo do mundo, em torno do qual giram planetas e céus ... o segundo, evocado em múltiplas ocasiões, é um marco significativo do destino literário do ovo cósmico, ovo de Brahma, isto é o mundo” (*cit. in Brunel 1977, p. 697*).

Interessante notar, segundo a mitologia grega, que tempo e memória possuem uma ligação. Mnemosine (memória) é irmã de Crono (tempo). Ambos têm ligação também com Clio (história) e são, assim, originariamente anteriores ao reinado de Zeus. Mnemosine conduz à poesia porque esta vai narrar o que aconteceu no passado, na era primordial.

“Para a percepção mítica e arcaica o presente opõe-se ao passado e ao futuro, pois ambos representam uma ausência. Passado e futuro, portanto, unidos por tal exclusão, pertenceriam ao reino do Esquecimento até que a Memória de lá os recolha e faça-os presentes pelas vozes das Musas” (Gonçalves, 2000.p.77).

As musas – filhas de Mnemosine - inspiram os poetas e garantem a eles uma capacidade de vidência da tríade: passado, presente e futuro. As musas extrapolam o tempo e abrem caminho para a imortalidade. Há no cerne dos personagens míticos uma constante indagação sobre a temporalidade.

1.1.1 O TEMPO DA NARRATIVA

As musas foram incumbidas de uma importante tarefa no mundo: narrar, relatar, contar os fatos, as histórias. Foram as grandes narradoras da “Grande História” ao poeta-camponês de origem grega, Hesíodo que viveu na Beócia, provavelmente no final do séc. VIII ou começo do séc. VII a C.

Em sua obra-poema, Teogonia, Hesíodo apresenta a genealogia dos deuses e também a cosmogonia, ou seja, as explicações para as origens do mundo ou o começo de tudo.

Hesíodo⁴ poetiza: ... “antes de tudo foi Abismo (Caos) depois a Terra (Gaia) e o Amor (Eros)”... (verso 116). Originam-se assim, desta tríade, o cosmo e os deuses.

Na explicação de Brandão (2000, p. 153):

“ No princípio era o *Caos* (vazio primordial, vale profundo, espaço incomensurável), matéria eterna, informe, rudimentar, mas dotada de energia prolífica; depois veio *Géia* (Terra), *Tártaro* (habitação profunda) e *Eros* (Amor), a força do desejo. O *Caos* deu origem a *Érebo* (escuridão profunda) e a *Nix* (Noite). *Nix* gerou *Éter* e *Hemera* (Dia). De *Géia* nasceram *Urano* (Céu), *Montes* e *Pontos* (Mar)” (versos 116-132).

Para Pessanha (1996) e Lafer (2002), na Teogonia, Hesíodo mostra a organização do mundo dos deuses, justificando o estado atual do cosmo como resultado da situação primeira, originária. A explicação para a existência do universo é feita

por meio da genealogia cósmica que fornece genitores, ancestrais, antecedentes a todos os seres.

Já em seu outro poema, *Os Trabalhos e os Dias*⁵, Hesíodo apresenta a organização do mundo dos mortais. Se na teogonia o tempo é um fenômeno cosmológico, em *Os Trabalhos e os Dias*, é a vez do tempo humano moldado pelo trabalho e tarefa. Também é importante assinalar que é por meio da poesia que a memória é resgatada.

De acordo com Pessanha (1996):⁶

“A memória mítica, como em Hesíodo, desatada pela proteção das Musas e de Mnemosine, é aquela que “reintegra o tempo humano na periodicidade cósmica e eternidade divina”. Não procura resgatar o tempo humano, vivido e perdido, antes romper as malhas e cadeias desse tempo horizontal – a cronologia dos eventos – para retornar ao Aion, “ao sempre” que caracteriza a vida dos deuses, ao tempo que não envelhece, ao mítico Começo”(…) (*cit.in* Novaes, 1992, p.39).

Já na cultura védica, a percepção de tempo é diferente. A poesia narra o tempo com despreensão, sem levá-lo a sério. Por meio do Veda⁷ há a narração de fatos sem o compromisso com o tempo. Os poetas destroem as seqüências temporais.

Malamoud (1996) afirma:

“Tratando-se de deuses ou do poder da palavra, os poetas não se limitam a negligenciar as pressões do encadeamento temporal: eles se dedicam a destruí-los. Assim, afirmam que tal deus é filho daquele, mas que este por sua vez é filho do primeiro” (Malamoud, *cit.in* Novaes, 1992 p.159).

1.1.2 O TEMPO ORIENTAL E O OCIDENTAL

O tempo possui percepções diferentes nas sociedades oriental e ocidental. As antigas civilizações orientais dividam o tempo em profano e histórico e tempo universal ou sagrado e

estabeleceram com isso um profundo vínculo com a natureza e com suas estruturas cíclicas.

O tempo universal e sagrado na visão oriental é um tempo do eterno retorno, que repetido, desvaloriza o tempo profano dos homens, ligado às suas ações e vida.

A divisão do tempo sempre mereceu atenção de orientais e ocidentais. O I Ching, baseado na probabilística, é um exemplo.

Bernhoeft, (1985, p. 7) diz:

“A primeira informação registrada sobre o assunto refere-se ao ano de 1143 a C., quando um chinês nobre conhecido como o Duque Wen, colocado na prisão por uma tentativa de rebelião contra o Imperador da época, desenvolveu o I Ching, também conhecido como o Livro das Mutações. (...) O I Ching representa a primeira conquista do tempo pelo homem. Ele se apresenta como uma obra que divide o tempo em sessenta e quatro hexagramas e suas interpretações. Estas divisões estão relacionadas com as etapas de vida de cada um e se correlacionam ainda com o fluxo temporal entre passado e futuro através de certos eventos que se influenciam”.

Na Índia, a predominância de um tempo cíclico dá a idéia de repetição, recomeço.

Segundo Rojas (2001,p. 34-35):

“A natureza se apresenta ao homem, em suas primeiras observações, como um conjunto no qual tendem a predominar os movimentos e estruturas cíclicas e repetidas, os esquemas de comportamento regular. Assim, a partir do ciclo mais evidente da alternância do dia e da noite, que se repetem tenazmente sem cessar, até os ciclos da vida vegetal e animal, que através das atividades da colheita e sementeira ou das fases sucessivas da domesticação do gado impõem a idéia de recomeço e repetição, e passando pelo ciclo lunar que recomeça a cada 28 dias, ou o recorrente retorno de climas e estações em sua reiteração anual, tudo tende, a partir da natureza, a impor essa visão que mais adiante reencontraremos na estrutura do tempo sagrado que, sob a forma de um tempo cíclico e fechado, caracteriza, por exemplo, a filosofia e as concepções do mundo da Índia”.

O tempo cíclico, por exemplo, é citado nos *Purana*, imensas enciclopédias que condensam o saber religioso do hinduísmo

e que não tratam do passado da humanidade, mas do futuro cíclico do cosmo, ressalta Malamoud (1996).

Já para a visão ocidental – contrária à linha dominante das sociedades orientais – o tempo não é fechado e nem circular, mas, aberto e linearmente progressivo. É um tempo que se enquadra perfeitamente nos moldes do cristianismo que concebe o tempo como algo humano que se desenvolve em uma estrutura aberta. A visão de tempo ocidental é diferente da oriental, principalmente por incorporar fragmentos de tempos individuais. A dimensão humana do tempo permite a convivência com os vários tempos individuais:

“Entretanto, essa abertura empreendida pelo ocidente, de uma modalidade essencialmente diferente de assimilação do fenômeno temporal, implicou, como uma das conseqüências principais de sua “humanização” e de seu deslocamento para o cenário do mundo histórico-social, uma clara e necessária *multiplicação*, que transformará esse novo tempo, humano e inovador, em uma infinidade de *tempos vividos individuais*, de tempos aderidos às diversas e heterogêneas experiências

dos homens e das coletividades humanas, que serão a modalidade fundamental de existência desse tempo ocidental durante o longo período de sua curva de vida pré-capitalista”. (Rojas , 2001, p. 40)

As sociedades pré-capitalistas ocidentais desenvolverão apenas uma medição pontual e discreta do tempo, e que está longe de ser sistemática e permanente.

Interessante notar também que o tempo ganha diferentes visões simbólicas por parte das sociedades. Para os Maias, por exemplo, o tempo não era homogêneo, apenas parte dele.

Para os índios Quechua – habitantes do Peru – o futuro é algo que está atrás e o passado à frente. Para esta tribo os eventos passados podem ser vistos na mente, porém, o futuro não pode ainda ser olhado e, portanto deve estar atrás.

1.20 TEMPO FILOSÓFICO

Depois dos mitos veio a filosofia.

Os gregos concebem o tempo como sendo alguma coisa do movimento, ou seja, um efeito do deslocamento de objetos no espaço, corpos celestes e, sobretudo, do sol no céu. Já os romanos, por exemplo, para medir o tempo utilizavam o dia de um nascer do sol até o outro nascer do sol.

Aristóteles acreditava que a terra era estática e que o sol, a lua, os planetas e as estrelas se deslocassem, em órbitas circulares, à sua volta. Ptolomeu, no entanto, já tinha formulado a idéia anteriormente. A terra ficaria no centro circundada por oito esferas que seriam a lua, o sol, as estrelas e os cinco planetas conhecidos à época: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno.

Já Platão — na Grécia Antiga a questão do tempo tem sentido em uma consciência sobre o passado e um senso do valor da história — associa o tempo ao movimento do universo. De acordo com Platão, só o pensamento nos faz conhecer o que existe, é responsável pela criação e seleção de idéias que resultam na percepção do real — concepção adotada mais

tarde por Albert Einstein, o criador da teoria da relatividade geral.

De acordo com Lopes (1997), antes dos gregos, os babilônios e os egípcios haviam feito, durante séculos, observações do movimento do Sol, da Lua em relação às estrelas fixas, e sabiam prever eclipses lunares e solares há pelos menos 5 mil anos.

De acordo com Hawking (1991), o modelo de Ptolomeu estabelecia um sistema razoavelmente preciso de prever as posições dos corpos celestes no céu:

“Ptolomeu teve de estabelecer que a Lua seguia uma trajetória tal que em algumas épocas a levava duas vezes mais perto da Terra do que outras. O que significava que a Lua deveria, em algumas ocasiões, parecer duas vezes maior do que em outras. Ptolomeu reconheceu esta falha, mas ainda assim seu modelo foi no geral, embora não universalmente, aceito. Foi adotado pela Igreja Católica como a imagem do universo que correspondia às Escrituras, porque teve a grande vantagem de garantir espaço suficiente, fora da esfera das estrelas, para o céu e o inferno” (Hawking, 1991, p. 20).

Segundo Abbagnano (1998, p.944-48), o tempo pode ser analisado tomando-se três concepções fundamentais:

1^a) o tempo como ordem mensurável do movimento;

2^a) o tempo como movimento intuído;

3^a) o tempo como estrutura de possibilidades.

A noção mais antiga de tempo considera-o como ordem mensurável do movimento, principalmente nas definições de Platão e Aristóteles.

Ao definir o tempo como “a imagem móvel da humanidade”, Platão pretende mostrar que na forma de ciclos, o tempo reproduz no movimento a imutabilidade do ser eterno. Já Aristóteles define o tempo como o “número do movimento segundo o antes e o depois”. Já Kant reduz ordem de sucessão a ordem causal.

A segunda concepção de tempo considera-o como “devir intuído”. Para Hegel o tempo está ligado com algum aspecto parcial ou abstrato da consciência. Já Bergson considera o tempo vivido como a duração da consciência. Para ele, o

tempo como duração possui características como a de ser novidade absoluta a cada instante – processo contínuo de criação – e de conservar o passado.

Já o terceiro conceito de tempo transforma-o em estrutura de possibilidade, encontrado em Heidegger que concebe o tempo como algo futuro, projetado.

1.2.1 QUE É O TEMPO?

Citemos Santo Agostinho:

“Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada

sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente” (1996, p. 322).

Preso às questões da criação, a teoria agostiniana analisa a noção de tempo. O tempo para Santo Agostinho – cuja teoria foi relatada no livro XI das Confissões – tem poções de passado, presente e futuro. Está atrelada à explicação contida no Gênesis: “no princípio, Deus criou o céu e a terra”. Além disso, Santo Agostinho identificou o tempo com a própria vida da alma que se estende para o passado ou para o futuro.

Segundo Abbagnano (1998), a concepção de tempo como intuição do devir traz em seu bojo a redução de tempo à consciência. Isso já acontece em Plotino, cujos discípulos Santo Agostinho conheceu.

A teoria de Santo Agostinho prima, inteligentemente, pela noção de que não existem três tempos – passado, presente e futuro – porém, três presentes: “o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro”.⁸ É chamada de teoria dos três presentes.

Fiorin (1996, p. 132) analisa Santo Agostinho :

(...) “são três modalidades de presente, o do passado, que é a memória, o do presente, que é o olhar, a visão, e o do futuro, que é a espera. Ele põe o passado e o futuro no presente por meio da memória e da espera e, portanto, transfere para elas a idéia de comprimento do futuro e do passado. Esses três presentes estão no espírito”.

Para Santo Agostinho é no transcurso no que “presentemente decorre” é que se mede o tempo.

1.2.2 O TEMPO DA ETERNIDADE

Borges, enfatiza a eternidade “como mera sucessão de fatos homogêneos”. Já o tempo para o autor é uma “ilusão”.

“O fácil pensamento *Estou em mil oitocentos e tantos* deixou de ser umas quantas aproximativas palavras e se aprofundou na realidade. Senti-me morto, senti-me conhecedor abstrato do mundo: temor indefinido imbuído de ciência, que é a melhor clareza da metafísica. Não, não acreditei ter remotando às presumíveis águas do Tempo; antes imaginei-me

possuidor do sentido reticente ou ausente da inconcebível palavra *eternidade*. Só depois consegui definir essa suposição”. (2001, p.32)⁹

Gomes (1991, p. 82) :

“Borges joga com essa impossibilidade de infinito (o mundo existindo puramente no tempo ou no espaço) que é o mundo sujeito ao princípio da razão... A substituição do tempo cronológico, que separa passado/presente/futuro, pela “apresentação direta do tempo”, pelo tempo concebido como metamorfose, devir que reúne um antes e um depois”.¹⁰

1.2.3 O TEMPO DE DEUS

O Gênesis (Gênese) é o testemunho da doutrina cristã por meio do Antigo Testamento que trata do trabalho criador de Deus Pai, ou seja, do tempo de Deus.

Segundo Sissa & Detienne (1990, p.144-45), o Gênesis narra o “Começo” numa distribuição de tempo, ou seja, “numa

duração que é uma seqüência de dias, Deus trabalha, cria o mundo. No sétimo dia, descansa”.

As características principais do tempo de Deus são a irreversibilidade e linearidade. O cristianismo toma para si a responsabilidade de demonstrar a existência indutiva de Deus, no mundo real. Por esse motivo, há necessidade de proclamar um autor para ele: Deus, o Criador, inclusive do tempo.

Para Chauvin (1997) o tempo no judeu-cristianismo:

“O tempo não é mais o tempo circular do Eterno Retorno, mas um tempo linear, irreversível e orientado por Deus para “realizar seu propósito”. Contrariamente às velhas cosmologias, que explicam o declínio progressivo do mundo por uma teoria cíclica, o judeu-cristianismo proclama que Javé é o único senhor da História” (*cit. in Brunel, 1997, p. 54*).¹¹

1.3 O TEMPO CIENTÍFICO

O tempo pertence ao tempo. Quando pensamos nele, rapidamente o relacionamos com a marcação cronológica do

relógio, como sucessão de acontecimentos. Nossa percepção de tempo nos remete à causalidade e ordem. Mas, o tempo pode ser objetivo e subjetivo. As ciências têm dividido o tempo em “físico” (objetivo) e “experimentado” (subjetivo).

Sobre isso Bernhoeft (1985, p. 2) comenta:

“À medida em que permanecemos dentro do domínio da experiência pessoal, há uma qualidade arbitrária, irreal sobre a mensuração objetiva do tempo estabelecido por relógios e calendários. Nas questões práticas, fazemos constantemente parte de uma ordem de tempo objetiva, medida quantitativa e uniformemente de acordo com o comportamento dos objetos na natureza; ao “mesmo tempo”, temos consciência também de que esses eventos têm uma qualidade inteiramente diferente porquanto são parte da ordem subjetiva de tempo da experiência pessoal” .¹²

Os tempos “objetivo e subjetivo” estão ligados à velha questão do nascimento do tempo, ou seja, a hipótese do “Big Bang” (grande estrondo) como causa inicial. A constatação partiu das observações feitas por Edwin Hubble, em 1929, de que, em qualquer lugar para onde se

olhe, galáxias distantes estão se afastando rapidamente da nossa. Com isso a questão do começo do universo passou a ser objeto da ciência.

As observações de Hubble sugeriam que teria havido um tempo, chamado instante do “Big Bang” em que o universo fora infinitesimalmente pequeno e infinitamente denso.

“De acordo com um certo número de cosmologias originais e com a tradição judaico-cristã-muçumana, o universo começou num tempo não muito distante e finito no passado. Um argumento para tal começo é o sentimento de que é necessário haver uma “causa inicial” para explicar a existência do universo” (Hawking, 1991,p.25).¹³

A grande questão que nos instiga é a de saber se o tempo precede o universo ou se é exatamente o contrário. Sobre isso os cientistas Prigogine – ganhador do prêmio Nobel – e Stengers ,afirmam:

“Sabemos que nosso Universo tem um “tempo” uma “idade”, mas será que podemos assimilar este tempo *ao*

tempo, este nascimento a um “nascimento do tempo”? Não” (Prigogine & Stengers, 1992, p. 167).¹⁴

A física diz que não é possível pensar em um nascimento absoluto do tempo, ou seja, estimar com precisão a existência do tempo. O que podemos falar, no entanto, é que determinado fato aconteceu em tal época, da fundação de Roma, por exemplo:

“(...) a questão de saber “quando começou o tempo” escapa mais do nunca à física, como sem dúvida escapa às possibilidades de nossa linguagem e de nossa imaginação(...) O tempo “absoluto”, que precede toda a existência e todo pensamento, situa-nos, portanto, no lugar enigmático que obsedia a tradição filosófica, entre o tempo e a eternidade” (Prigogine & Stengers, 1992, p.171).¹⁵

Além disso, há a questão do “problema do tempo” que vem recebendo contribuições de filósofos e físicos. Ele surge quando os teóricos tentam transformar a teoria da relatividade geral de Einstein numa teoria quântica usando uma equação – Wheeler-DeWitt – sem a variável do tempo. A equação indica que o tempo do Universo está congelado. (*cit.in Scientific American/Brasil*, 2002, p. 60).

Além do “problema do tempo”, a física também estuda a flecha do tempo em relação à existência do universo, explicada por muitos, pela segunda lei da termodinâmica – que propõe que a entropia de um sistema fechado bem como a quantidade de desordem em seu interior – tendem a crescer com o tempo. No entanto, não é uma verdade absoluta.

Há muitas teorias que explicam a flecha do tempo, entre elas, o princípio de incerteza de Heisenberg – a natureza é por si indeterminística – e o de Boltzmann – sobre a probabilística, ou seja, há várias maneiras de um sistema estar em desordem.

Como há muitos processos irreversíveis na natureza, a segunda lei da termodinâmica impõe ao mundo uma assimetria entre as direções passada e futura ao longo do eixo do tempo.

A flecha do tempo aponta para o futuro, porém isso não significa que ela esteja se movendo para o futuro, ou seja, que ela possa medir a passagem do tempo. A flecha do tempo indica, sim, assimetria do mundo no tempo, mas não movimento do tempo.

Lopes, destaca:

“(…) os processos naturais evoluem de maneira irreversível: o atleta pula o trampolim para a piscina e não volta; envelhecemos; a gota de tinta na água difunde-se e forma mistura homogênea. Lembramo-nos do passado e não do futuro.

A termodinâmica diz que os fenômenos ocorrem sempre com aumento da entropia – que determina uma flecha para o tempo. Na mecânica estatística, dizemos que processos inverossímeis – como o atleta na piscina que recebe subitamente energia e impulsão das moléculas da água e sobe para o trampolim – ocorrem, sua probabilidade não é zero, mas incrivelmente pequena, um acontecimento durante a vida do Universo, por exemplo” (Lopes, *cit.in* Novaes, 1992, p.174-75).

O fluxo de tempo ainda não pode ser explicado pela ciência. Há evidências de que o processo parece ser mais subjetivo – o relógio mede as durações entre eventos não a passagem com que um momento sucede outro – do que objetivo, e pode ter a ver com o funcionamento do cérebro humano.

Muitos físicos já afirmaram que isso tem a ver com a consciência do observador. Alguns pesquisadores, como Roger Penrose, da Universidade de Oxford, sustentam que a consciência – inclusive a impressão de fluxo temporal pode estar relacionada a processos quânticos no cérebro. Embora os pesquisadores não tenham encontrado evidências de um único “órgão do tempo” no cérebro, ou seja, algo semelhante ao córtex visual, é possível que estudos futuros detectem esses processos cerebrais responsáveis pela nossa impressão de passagem do tempo. (*cit.in Scientific American/Brasil*, 2002, p.59).

1.3.1 TEMPO, ESPAÇO, DURAÇÃO.

As definições mais relevantes são de Isaac Newton, o fundador da física moderna. Em seus *Principia mathematica* encontramos as noções de espaço e tempo:

“Os tempos e os espaços não têm outros lugares senão eles mesmos; e eles são os lugares de todas as coisas.

Tudo no tempo, quanto à ordem de sucessão; tudo no espaço, quanto à ordem de situação. Aí se determina sua essência, e seria absurdo que os lugares primordiais se movessem. Estes lugares são, pois, os lugares absolutos, e a simples translação destes lugares faz os movimentos absolutos”

O tempo absoluto, verdadeiro e matemático, sem relação com nada de exterior , flui uniformemente e se chama duração. [...] O espaço absoluto, sem relação com as coisas externas, permanece sempre similar e imóvel” (*cit.in* Novaes, 1997, p. 170-171).

Já Einstein descarta a idéia de tempo absoluto:

“temos de levar em conta que todos os nossos juízos em que o tempo toma parte são sempre juízos de acontecimentos simultâneos. Se, por exemplo, eu digo “aquele trem chega aqui às sete horas”, quero dizer algo assim: a marcação do número 7 pelo pequeno ponteiro do meu relógio e a chegada do trem são acontecimentos simultâneos” (*cit. in* Novaes, 1992, p.172).

Na visão de Chanlat:

“o espaço e o tempo constituem duas dimensões de toda atividade e experiência humanas. Cada ser humano

enraíza-se simultaneamente no tempo e no espaço. As organizações, as sociedades e o universo também” (1996, p. 108).

Podemos entender a concepção de duração da seguinte maneira:

“Período de vida de uma coisa ou de um acontecimento, limites de sua existência no tempo. (...) entre os antigos, portanto, o conceito de duração tem dois significados: 1º) Os termos temporais que circunscrevem a existência de uma coisa qualquer; 2º) O prolongamento indefinido do tempo, ou seja, a eternidade” (Abbagnano, 1998, p. 295).

1.3.2 OS RELÓGIOS DO CÉREBRO

Segundo a revista *Scientific American*, Brasil, (2002), determinadas regiões do cérebro, altamente sofisticadas, interpretam informações emitidas pelo corpo. Entram em cena os relógios naturais chamados de relógio de intervalo – cuja duração pode ser longa – e relógio circadiano – que leva em

conta processos fisiológicos que funcionam em ciclos de 24 horas. O relógio de intervalo é uma espécie de – “cronômetro do cérebro” – que ajuda o ser humano a identificar períodos de tempo que vão de segundos a horas. É ele que faz sentir, por exemplo, quanto tempo ainda pode-se ficar cochilando na cama antes do despertador tocar.

A marcação dos intervalos ativa as faculdades cognitivas superiores do córtex cerebral, o centro cerebral que governa a percepção, a memória e o pensamento consciente. O mecanismo de marcação dos intervalos percorre um circuito, do córtex para o corpo estriado, deste para o tálamo e depois voltando ao córtex. (*cit. in Scientific American/Brasil, 2002, p. 71-2*).

Pesquisadores estudam também uma área povoada por gânglios basais no cérebro, especialmente o corpo estriado que recebe sinais de outras partes do cérebro. Descobriram assim, que a adrenalina e outros hormônios relacionados ao estresse também fazem o relógio de intervalo acelerar. É por isso que um segundo parece uma hora nas situações desagradáveis. Ou

que pacientes que não tratam o mal de Parkinson liberam menos dopamina para o corpo estriado e assim seus relógios se atrasam.

Para Fialho, as atividades mentais são parte das atividades cognitivas e o cérebro é um computador extremamente sofisticado e um dos seus principais desafios é entender como ele realiza o processamento de informações.

Já o relógio cicardiano sintoniza o corpo com os ciclos da luz do Sol e da escuridão, criados pela rotação da terra. Ajuda a acordar pela manhã e a dormir à noite.

Os neurologistas avançaram um grande passo ao compreender como a luz do dia acerta o relógio. Dois aglomerados de 10 mil células nervosas que ficam atrás das têmporas são considerados há muito tempo o lugar onde fica o relógio cicardiano. Décadas de estudos com animais mostraram que esses centros, chamados de núcleos supraquiasmáticos (NSQs), controlam as flutuações diárias da pressão sanguínea, da temperatura do corpo e do nível de atividade e estado de alerta. Os NSQs também dizem à glândula pineal – que fica

no cérebro – quando liberar a melatonina, o “hormônio do sono”, que só é secretado à noite. (cit. in revista *Scientific American / Brasil*, 2002, p. 74).

Com isso, trabalhadores de turnos, gente da noite, notívagos, enfrentam um dilema cronológico diferente. Podem estar levando uma espécie de vida dupla fisiológica. Mesmo que durmam bastante de dia, seus ritmos fundamentais ainda continuam governados pelo NSQ – e, por isso, as funções básicas continuam “dormindo” à noite, revela a *Scientific American/Brasil*.

Com o corpo vivendo em tantos fusos horários diferentes ao mesmo tempo, não é de surpreender que os operários que trabalham em turnos tenham uma incidência maior de doenças cardíacas, problemas gastrointestinais e, evidentemente, transtornos com o sono. (2002, p. 75-6).

Vale ressaltar que jornalistas dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, além de executarem o fechamento diário, costumam também, “adiantar” o fechamento das edições do fim de semana, às sextas-feiras, e na prática, não deixam a

redação antes da meia-noite. Isso pode acarretar aos jornalistas problemas com o sono. No entanto, a produção jornalística vem em primeiro lugar.

Meditich faz referência ao jornalismo enquanto forma de conhecimento, cuja primeira referência foi feita em artigo de Robert Park, em 1940, e que vem prosseguindo com estudos sobre a notícia. Segundo o jornalista, Park apóia-se no filósofo William James para distinguir os conhecimentos utilizados no cotidiano e aqueles utilizados com suporte teórico.

“Park salienta que estas duas formas de conhecimento não significam diferentes graus, mas sim diferentes gêneros de conhecimento, com funções sociais distintas, embora se pudesse pensar num contínuo entre todas as espécies de conhecimento. Neste contínuo, o autor situará o gênero de conhecimento de jornalismo: a notícia não proporcionaria um conhecimento sistemático e nem a revelação dos fatos de ordem histórica, mas apenas a alusão a um “acontecimento” do presente”. (Meditich, 2001, p. 49).

1.3.3 O TEMPO DA MEMÓRIA, PERCEPÇÃO E HISTÓRIA

Os estudos da memória e da percepção são relevantes para a compreensão e o desenvolvimento dos sistemas cognitivos.

No entanto, estudos indicam que o ser humano apresenta um atraso no tempo mental. A questão foi levantada, pela primeira vez, na década de 60, pelo neurofisiologista Benjamim Libet, da Universidade da Califórnia, em Berkley.

Os estudos de Libet falam da existência de um lapso de tempo entre o momento em que um indivíduo decidia mover seu dedo e o que suas ondas cerebrais indicavam, ou seja, que o dedo estava prestes a se mover. Assim, a atividade cerebral ocorreu um terço de segundo antes de a pessoa ter decidido mover seu dedo, de acordo com a revista *Scientific American/Brasil* (2002, p. 84).

Já o tempo histórico resgata momentos de luta e de conquista.

Resgata datas, comemorações, catástrofes, guerras.

As sociedades têm histórias, acervos. E a história é um tempo esquematizado em que é possível conhecer, por meio de datas e de seus eventos, o tempo histórico da humanidade, relatado por sua vez, por meio da narrativa do historiador.

As relações causais marcam o tempo histórico. A questão é abordada por Bernhoeft:

“(...) o “tempo histórico” tornou-se o único meio no qual a vida humana se desdobrava e preenchia a si mesma. Sua ordem era estabelecida pelas relações causais que constituem a história do homem ou da natureza, pelas coisas feitas e desfeitas no tempo” (1985, p. 3).

Assim como a memória resgata a história e se manifesta pela palavra; há a divisão do tempo entre passado, presente e futuro e a estrutura fundamental da linguagem também gira em torno desses três tempos.

Segundo Bosi:¹⁶

“A memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Pela memória as

peças que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações esse processo “cai” no inconsciente lingüístico, reafirmando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são condição de possibilidade do tempo reversível” (Bosi, *cit. in*, Novaes, 1992, p. 20).

Que é o tempo reversível?

“O tempo reversível é, portanto, uma construção da percepção e da memória: supõe o tempo como seqüência, mas o suprime enquanto o sujeito vive a simultaneidade. (...) a memória vive do tempo que passou e, dialeticamente, o supera” (Bosi, *cit. in* Novaes, 1992, p. 27).

CAPÍTULO 2

O TEMPO DA PRODUÇÃO

2.1 O TEMPO MODERNO E O JORNALISMO IMPRESSO TAYLORIZADO

O jornalismo está inserido no tempo. Tempo das horas, dos minutos, dos instantes, dos relógios. Tempo quantitativo. Tempo medido. Tempo contado. O jornal tem seu eixo no tempo. Relata acontecimentos. Os jornais guardam o registro do tempo, mas o seu objetivo é divulgar o que é novo: a notícia, por sua vez, tem um tempo de vida reduzido.

Em razão disso, os jornalistas lidam de forma singular com o tempo. E mais: os acontecimentos ocorrem no tempo e no espaço. A notícia é filha do tempo. As empresas jornalísticas funcionam dentro de uma ordem temporal.

O tempo de trabalho produz a notícia: na concepção marxista, o produto do trabalho que assume a forma de mercadoria e em sendo assim, “vale por si”, ou seja, tem valor. Para Traquina

(2001), “as notícias são um valor máximo; o seu trabalho é um trabalho de 24 horas”.

Segundo Rojas (2001, p. 47):¹

“A uma sociedade onde o princípio dominante é esse valor, homogêneo, uniforme e abstrato, corresponderá um tempo *homogêneo, abstrato e uniforme*, tempo que, sendo social-geral e instrumental [o relógio], constitui justamente o novo *marco temporal* característico da modernidade”.

Ramonet, diretor do *Le Monde Diplomatique* pondera que em razão da industrialização do jornalismo, “assiste-se a uma verdadeira e formidável taylorização de sua profissão” [de jornalista] (2001, p. 51).

A questão remete ao fazer jornalístico serializado – imposto pela industrialização. Muito embora o jornalismo apresente caráter documental, seja de interesse público, a notícia é um produto perecível, em razão de sua publicação ser cada vez mais rápida em função do suporte tecnológico de alguns jornais.

O fator fundamental a ser esboçado é o nascimento da organização científica do trabalho – que se produz inicialmente nos Estados Unidos no fim do século XIX e no início do século XX, sob a influência de Frederick W. Taylor (1856/1915), conhecido como o pai da administração científica.

Entre os vários princípios que norteiam a sua teoria, sem dúvida, o principal é ocupado pela questão do tempo. Foi o engenheiro norte-americano Taylor que introduziu o cronômetro - para quantificar os diferentes tempos de uma tarefa. É o chamado estudo dos tempos e dos movimentos que marcou a fábrica e a empresa do século XX nos países industrializados.

Um dos seguidores das idéias de Taylor foi Henry Ford,² conhecido como o pai do carro popular e que também deu importância ao tempo.

Sobre isso Chanlat (1996, p. 117):

“(…) é evidente que os sistemas de direção e de organização do trabalho que introduziram o taylorismo e o fordismo têm uma ligação estreita com a afirmação de uma concepção quantitativa do tempo. O tempo de trabalho medido de modo sempre mais preciso transforma-se em um elemento-chave para a empresa que, por procedimentos de organização marcados pelo selo da racionalidade, se propõe a maximizar o rendimento simultâneo das máquinas e do tempo dos homens que lhe são justapostos”.

No caso das empresas jornalísticas, lidar com o tempo é tarefa essencial. Com a industrialização o trabalho é regulado pelo tempo ou mais precisamente, pelo tempo mecânico do relógio.

No mundo desenvolvido, os jornais despontam como empresas e segundo Traquina (2001), houve um duplo processo que decorre todo o século XIX e prossegue no século XX de comercialização dos mídia e a profissionalização dos seus agentes, os jornalistas.

No Brasil, no entanto, Taschner (1992), refere-se aos anos 20 como um período de transição para uma imprensa mais moderna.

Os jornais tornaram-se mais industriais – os impressos saíram das antigas Alauzet – substituídas pelas rotativas e estas pela linotipo. Com isso, em um processo crescente, os jornais passam a ter um formato *standard*, um número mais ou menos padronizado de páginas que ganham novas possibilidades com o leiaute e o projeto gráfico. E também mais empresariais: as tiragens foram ampliadas. Os jornais podem aumentar as páginas de determinada edição em função do número de anúncio ou de determinado evento. Mudanças tecnológicas foram implementadas. Citemos o caso da implantação do Sistema Hermes, apresentado ao mercado em 1996, pelo jornal O Estado de S. Paulo.

O Hermes é considerado um dos sistemas editoriais informatizados mais modernos do mundo na redação de jornal. Nas palavras de um executivo da empresa: “o sistema nos coloca no tempo de produção de qualidade”, ou seja, é

possível promover um elevado grau de personalização do produto, sem que se perca sua estrutura.

O Sistema Hermes, por exemplo, faz parte de um amplo processo de modernização, englobando não só a editoração como também a adoção de modernas máquinas rotativas Colorman, produzidas pela empresa alemã Man-Roland que permitem quadruplicar a capacidade de impressão de páginas coloridas.

Entre os benefícios e facilidades do sistema, podemos apontar sem dúvida, a recuperação das informações. Um dos grandes desafios da atividade jornalística é freqüentemente ter de levantar informações já disponíveis sobre determinados assuntos para dar um novo ângulo na produção de matérias diárias.

As informações, usualmente, estavam arquivadas de forma imprecisa e de difícil recuperação para o jornalista. Para solucionar o problema, o sistema previu a montagem de um centro de documentação preparado para trabalhar com vídeo e

som. Podemos detectar que o centro de documentação já possui mais de 100 mil pastas eletrônicas arquivadas.

Com isso, um dos principais objetivos do centro de documentação, ter sempre à mão imagens e outros recursos que possam vir a enriquecer reportagens, foi alcançado. Por exemplo, se determinado ministro deixa o poder, é mais fácil utilizar uma foto da pessoa já disponível no centro. Com isso, há mais rapidez em todo o processo jornalístico.

O centro dispõe ainda de mapas, fotos e uma infinidade de outros documentos que podem ser de grande valia para agilizar o processo editorial, especialmente no caso de matérias imprevistas.

Na Folha de S. Paulo há também o Banco de Dados, cujo principal objetivo é servir de apoio aos jornalistas do grupo. Há arquivos de computador das edições da Folha desde 1993, o que torna possível consulta instantânea do material publicado a partir desse período. Há também acervo de fotos e textos das histórias do Brasil e do mundo desde 1921.

2.1.1 O TEMPO E O ESPAÇO DA ROTINA DE PRODUÇÃO NOS JORNAIS DIÁRIOS

O relógio está sempre à mostra, de forma solene, na redação dos jornais diários impressos. Lembra aos jornalistas que seu trabalho é “moldado” pelo tempo de fechamento que necessita ser preenchido pelos acontecimentos, por sua vez, transformados em notícias.³ Por causa delas, os jornalistas normalmente têm horário de chegada à redação, mas, não têm de saída.

O tempo do jornal industrializado é um tempo que vive à custa do presente e precisa dele para fazer sentido. A notícia vive do presente. Segundo a revista *Scientific American/Brasil* (2002), o tempo presente “é tudo o que é real”(p.57).

O mundo moderno também costuma utilizar o termo “tempo real”, emprestado da informática. Necessariamente não

significa acelerar ou fazer transmissões de rádio e tevê ao vivo ou por meio da Internet.

Além da quase simultaneidade entre emissão e recepção de informações, a idéia de “tempo real” traz em seu cerne, principalmente, a interatividade. A informação não fica confinada ao momento de sua veiculação – por uma emissora de televisão, por exemplo – mas, pode ser acessada em todo momento. O tempo real é o tempo da tela eletrônica, cujo suporte é formado por bilhões de microimpulsos que percorrem os circuitos eletrônicos do computador.

No caso específico do tempo do jornal, diz Rojas (2001, p. 64):⁴

“(...) o *jornal* de publicação diária e de consumo de massa expressa muito bem essa transformação histórica. A partir desse momento, o tempo – que já era percebido desde antes como esse marco vazio e homogêneo em que a modernidade capitalista burguesa o constituíra – será assumido de modo ainda mais radical como um

espaço “a ser preenchido” e, portanto, como essa dimensão “em branco” que deverá ser preenchida *todos os dias*, com novos e sempre chamativos acontecimentos, tão efêmeros e pouco históricos em sua maioria, como recorrentes terão de ser nesta forçada renovação *cotidiana* de sua publicação nos jornais”.

2.1.2 O TEMPO DO RELÓGIO PRÉ-CAPITALISTA

Os homens do mundo pré-capitalista ocidental não se importam com o tempo preciso, regular, compassado que só será inventado pela modernidade e com nova dimensão. Os homens pré-capitalistas utilizam imensos relógios de precisão duvidosa.

“(…) poderão se virar sem problemas, com os imperfeitos e limitados relógios existentes antes do século XVI – como o relógio de sol, que deixa de funcionar à noite ou sob o nublado céu do norte da Europa, ou o relógio de água, caro, difícil de

ser transportado e que se torna menos preciso com o frio intenso próximo à temperatura de congelamento, ou ainda, a ampulheta, que termina por desgastar bastante rapidamente o orifício de passagem da areia, tornando-a inútil por estar limitada pela relação exatamente proporcional entre seu tamanho e o lapso temporal que permite medir – relógios que, como é evidente, só permitem uma *medição aproximada e incerta* das diferentes horas do dia, horas que, portanto, serão “horas desiguais” com a maior normalidade” (Rojas, 2001, p. 41-2).⁶

Com isso, a vida cotidiana tem também suas peculiaridades. Dentro do que Rojas (2001), chamou de “temporalidade flutuante”, o vocabulário empregado para se referir a um determinado evento é também genérico. Normalmente situam o momento de um acontecimento qualquer com os acontecimentos extraordinários ou coletivos que fazem parte da memória dos grupos sociais dos quais eles fazem parte. Assim descrevem que determinada pessoa morreu pela manhã,

pouco antes de o sol chegar ao seu ponto mais alto, diante da impossibilidade de dizer que faleceu às 11 horas e 37 horas minutos. O relógio colocado assim, como suporte imaginativo e regulador de atividades humanas:

Nunes fala do relógio como regulador da atividade humana:

“Olho o tempo consultando o relógio. Mas o tempo que olho no relógio é disponível porque contado, e porque contado de maneira concordante por meio de um instrumento, torna-se instância reguladora da atividade humana, algo que vem ao nosso encontro e com que nos defrontamos. Por essa gênese existencial dos relógios – varas de sombra, ampulhetas, clepsidras, relógios mecânicos – o deslocamento do Sol peregrinante, visado instrumentalmente, pôde ser o primeiro medidor do tempo (...). A medida é nesse caso datação, contagem, imaginativo suporte para o emprego dos números”(cit. in Novaes, 1992, p. 134).

2.1.3 O TEMPO DO RELÓGIO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL

Se o relógio é um instrumento de pouca importância para o período pré-capitalista, ele é imprescindível para as sociedades nascidas da revolução industrial.

De acordo com a revista *Scientific American/Brasil* (2002), Ely Terry, de Connecticut (EUA), projetou um relógio de prateleira, a custo baixo, por volta de 15 dólares. O comprador só precisava colocá-lo em um lugar plano e dar corda. Com isso, foi inaugurada a produção em série de relógio a preço acessível, por volta de 1807.

De lá pra cá, os avanços foram rápidos e precisos. Entre os vários relógios modernos há o atômico. A Nasa, por exemplo, encomendou um cronômetro atômico para a estação espacial e que marca o tempo com uma margem de erro de um segundo a cada 300 milhões de anos.

O tempo industrializado precisa de um relógio preciso para fazer sentido:

“Faz-se necessário contar com um tempo também *instrumental*, que tenha *vigência social-geral e universal*, e que permita então *medir e regular* de forma operativa tais processos naturais, bem como, e em segunda instância, os próprios processos sociais.

(...) Tal marco temporal só pôde ser elaborado a partir da invenção do relógio mecânico moderno, que, substituindo os imperfeitos e aproximativos relógios pré-capitalistas, tornou possível uma medição muito mais *exata, regular e permanente* desse mesmo tempo. Assim, a partir da invenção da roda catarina e do escape, e mais tarde do mecanismo do pêndulo, e até os sofisticados e onipresentes relógios contemporâneos de microcircuitos integrados, o processo de uma medição sistemática e rigorosa da quadrícula de segundos, minutos e horas do dia é o suporte tecnológico que tornou possível a construção desse marco temporal capitalista e sua progressiva afirmação como forma dominante de assimilação do próprio fenômeno temporal” (Rojas, 2001, p. 46-7).⁷

Expressões como “tempo é dinheiro” – como resultado de valores produzidos e consumidos no tempo – “poupar tempo”

– que estabelece o símbolo do crescimento industrial e tem quase o mesmo sentido de “poupar dinheiro” e “perda de tempo” – como negação da produtividade - passaram a ser amplamente usadas nessa nova sociedade nascida sob uma nova ordem temporal, em que todos os outros tempos sociais estão subordinados ao tempo de produção. É a visão utilitarista do tempo.

Na observação de Cipolla (1967), Landes, (1983):

“O relógio constituirá, com seus aperfeiçoamentos sucessivos (em particular com sua transformação em um instrumento miniaturizado e pessoal que se carrega), um elemento de grande importância, senão decisivo, na dominação econômica e tecnológica exercida pelo Ocidente” (...) (*cit. in* Chanlat, 1996, p. 112).

CAPÍTULO 3

O TEMPO DO JORNAL IMPRESSO

3.1 O TEMPO E O ESPAÇO DA NOTÍCIA NOS JORNAIS DIÁRIOS

Os jornais diários possuem também um comprometimento com a periodicidade. Groth citado por Faus Belau (1966), concebe a periodicidade como ritmo de vida.

E para seguir o ritmo de vida, o cotidiano, a notícia¹, as empresas jornalísticas tentam impor uma estrutura sobre o tempo e o espaço para que possam dar continuidade ao seu trabalho diário.

“A *rede noticiosa* também tem lapsos temporais. Tal como se espera que acontecimentos julgados com valor-notícia ocorram nalguns locais institucionais, mas não noutros locais, também se espera que os acontecimentos com valor-notícia se concentrem durante as horas normais de trabalho. Durante estas horas, as

organizações jornalísticas têm o grosso dos seus repórteres e fotógrafos disponíveis para cobrir “estórias”[histórias].

(...) Segundo, a empresa jornalística tenta planejar o futuro através de seu serviço de agenda, que elabora a lista de acontecimentos previstos, permitindo assim, a organização de seu próprio trabalho com certa antecedência.

Terceiro, o ritmo de trabalho jornalístico, o valor do imediatismo, a definição do jornalismo como relatos atuais sobre acontecimentos atuais, têm como consequência uma ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas. (...) Os acontecimentos são mais facilmente observáveis porque estão definidos no espaço e no tempo” (Traquina, 2001, p. 97-8).²

Tuchman (1978) , afirma que as empresas jornalísticas tentam impor ordem no espaço, “estendendo uma rede noticiosa (*news net*) para “capturar” os acontecimentos. A consequência é que os acontecimentos noticiáveis ocorrem em certas localidades e não em outras”. (p.95).

Com esses objetivos, as organizações jornalísticas utilizam três estratégias:

- 1) “a territorialidade geográfica – as empresas jornalísticas dividem o mundo em áreas de responsabilidade territorial;
- 2) a especialização organizacional – as empresas jornalísticas estabelecem “sentinelas” em certas organizações que, do ponto vista dos valores-notícia, produzem acontecimentos julgados com noticiabilidade;
- 3) a especialização em termos de temas – as empresas jornalísticas se autodividem por seções, que enchem certas “rubricas” do jornal” (*cit in* Traquina, 2001, p. 95).

Além disso, planos de trabalho são implementados nos fins de semana - normalmente em esquema de plantões – nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo para que os acontecimentos sejam capturados no tempo e no espaço.

Meditich diz que o planejamento é “cada vez mais valorizado na atividade jornalística de todos os meios, devido à complexidade de recursos que está atividade movimenta em sua dimensão industrial” (2001, p. 110).

3.1.2 O TEMPO “MOLDADOR” DO JORNALISTA

O tempo tem um significado ímpar para os membros da comunidade jornalística. É responsável pela elaboração e difusão de uma cultura profissional própria. O tempo passa a ser uma espécie de “moldador” do jornalista.

O profissional em função do tempo adquire conhecimentos sobre os procedimentos – rotinas de trabalho – que permitem elaborar a notícia, além de ser capaz de reconhecer quais são os acontecimentos que possuem valor como notícia. O jornalista aprende também a mobilizar uma linguagem jornalística, chamada de “*saber da narração*” por Tuchman, (1972) e Traquina (2001).

Traquina, escreve:

“Os conceitos de tempo utilizados pelos jornalistas no curso da produção jornalística são de importância primordial na sua cultura profissional, pondo a sua marca altamente distinta na sua abordagem à realidade social” (2001, p. 121).

Schlesinger (1997-1993):

“Os jornalistas têm uma relação fetichista com o fator tempo. Ser obcecado pelo tempo é ser profissional de uma forma que os jornalistas consideram ser especialmente sua” (*cit in* Traquina, 2001, p. 120)

De acordo com Ramonet:

“As questões de responsabilidade e de ética estão agora no centro das preocupações dos jornalistas, pois a industrialização do universo da informação parcela sua atividade e reclama dela uma rentabilidade imediata. A irrupção das novas tecnologias (informatização total, digitalização, internet) revolucionou radicalmente – talvez mais do qualquer outra profissão – o modo tradicional de trabalhar. (...)” (1999, p. 52).

Escreve Senra: ³

“O trabalho do jornalista por sua vez não constrói algo **no** tempo, e que visa permanecer, mas algo que se elabora com o tempo, **a partir** do tempo e **contra** o tempo. Seu trabalho não se destina a ficar mas, ao contrário, é da sua essência perecer rapidamente”. (1997, p. 100).

As rotinas de produção, a organização jornalística para qual o jornalista trabalha acabam por “moldar” a prática jornalística no cotidiano, no seio da redação, local de negociações permanentes: de um lado, a organização jornalística, e de outro, o trabalho do jornalista que precisa ser feito em determinado tempo e requer conhecimentos prévios para a sua execução.

É oportuno ressaltar a teoria etnoconstrucionista no sentido de sua abordagem de notícia como resultado de um processo de

produção “definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias)” (Traquina, 2001, p. 94).

Traquina (2001), aborda, principalmente, o fator tempo como elemento importante do fazer jornalístico:

“Para a teoria etnoconstrucionista, os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo. O seu desafio cotidiano é ter de elaborar um produto final (notícia, jornal, telejornal,etc.). Todos os dias ou todas as semanas” (Traquina, 2001, p.95).

Kucinski fala da atuação do jornalista:

“A atuação do jornalista no Brasil é constrangida por um modo autoritário de controle de sua produção, falta de garantias à liberdade de expressão jornalística e dimensões restritas do mercado de trabalho”. (Kucinski, 1998, p. 17).

Ramonet (2001) fala da virada no enfoque teórico da informação, especialmente em 1989 – ano de muitos eventos mundiais e cujo fenômeno se tornou midiaticamente perceptível – em razão da revolução digital que fez ruir a imagem do jornalista herói da sociedade dos anos 70 para transformá-lo em um “novo cão de guarda” (p. 43-4).

“(...) a informação tal como é enunciada agora, estabelece uma ponte aparente entre o evento longínquo e o sentimento íntimo de cada um, que cria um efeito enganador. Se vejo uma cena que suscita minha emoção, o que me garante que ela é verdadeira? A verdade estaria na realidade do corpo virtual” (...) (Ramonet, 2001, p. 45).

Em sua análise, levando em conta a era da informação global, o diretor do Le Monde Diplomatique, situa a importância da televisão “como um papel piloto” em matéria de informação, “graças a seu monopólio sobre a imagem animada, obrigando os outros meios de comunicação a imitá-la ou a deixar-se distanciar e, seja como for, a determinar-se em relação a ela”.(p. 45).

Escreve:

“a imprensa escrita pensa então que pode recriar a emoção sentida pelos telespectadores publicando textos (reportagens, testemunhos, confissões) que atuam, da mesma maneira que as imagens, no registro afetivo e sentimental, dirigidas ao coração, à emoção e não a razão e à inteligência. Por isso, mesmo os meios considerados sérios chegam a negligenciar crises graves, que nenhuma imagem permite fazer existir concretamente” (Ramonet, 2001, p. 27).

3.1.3 O TEMPO CONTROLADO

É exigido da comunidade jornalística um alto grau de profissionalismo. Taschner (1992), lembra que o surgimento da primeira escola de jornalismo, em São Paulo, foi também em época semelhante à elaboração de programas de ação e de normas por parte dos jornais, o que evidencia a dominância progressiva da lógica da empresa sobre a concepção e a confecção dos jornais.

É o que Chanlat (1996), estabelece como sendo uma “concepção do tempo como elemento central tanto para o ator individual como para o sistema socioeconômico”.

A industrialização traz em seu cerne a necessidade de padronização, rotinização, serialização. Com isso há um controle do tempo na elaboração do produto e do trabalho jornalísticos.

Como escreve Traquina:⁴

“As notícias são elaboradas com a utilização de padrões industrializados, ou seja, formas específicas que são aplicadas aos acontecimentos, como por exemplo, a pirâmide invertida” (2001, p. 30).

Tuchman (1972):⁵

“Tuchman diz que a seleção do lead da pirâmide invertida um (aspecto problemático da reivindicação de objetividade profissional) mesmo assim mitiga a dificuldade (de estruturar a notícia) ao apontar a fórmula noticiosa familiar do “quem, o que, onde, quando, por que e como” (*cit. in* Traquina, 2001, p. 119).

As empresas jornalísticas têm uma estreita relação com o tempo. O imediatismo é também um fator que marca profundamente a cultura jornalística.

O presente e a velocidade marcam o mundo que vivemos e principalmente o jornalismo, um excelente representante deste tempo em aceleração e que “parece” – em razão da delimitação dos territórios onde se pode capturar notícias – estar presente em todos os lugares.

Na verdade este tempo global, cuja percepção nos dá conta de ser único, não é exclusivo do jornalismo, mas de toda uma sociedade moderna que revolucionou a dimensão temporal e que nos dá a impressão de ser única também. As junções de três tecnologias – informática, telefonia e televisão – que se fundem na multimídia e Internet nos fazem perceber, ver, sentir, enfim, nos fazem espectadores de fatos em nível mundial.

Ramonet (2001) ilustra o caso da morte de Lady Diana e de Dodi Al-Fayed, por acidente de carro, em Paris, no dia 31 de

agosto de 1997, como sendo o “mais fenomenal desencadeamento informacional da história recente da mídia”.

Segundo o jornalista, “imprensa escrita – cotidiana e periódica – rádio e televisão consagraram a este evento mais lugar do que a qualquer outro referente a uma pessoa física em toda a história dos meios de comunicação de massa” (Ramonet, 2001, p. 9).

Para ilustrar o caso, cita matéria publicada no Internacional Herald Tribune, de 10 de fevereiro de 1998, em que a imprensa britânica, atingiu, nos dias subseqüentes à morte de Diana, recordes de vendas: *The Sun*, por exemplo, vendeu 3,9 milhões de exemplares; *The Mirror*, 2,4 milhões; *The Daily Mail* 2,3 milhões, e *The Daily Telegraph* 1, 1 milhão de exemplares.

Segundo Ramonet, para vender jornal, a imprensa britânica – a mais competitiva do mundo com onze jornais nacionais e nove jornais dominicais “engajaram-se numa luta sem piedade de todos contra todos, e onde todos os golpes são

permitidos (baixo do preço de venda, prêmios promocionais, compra de confidências, etc)” (2001, p. 9).

Traquina (2001, p. 95):

“Pressionadas pela tirania da “hora de fecho”, as empresas do campo jornalístico são ainda mais obrigadas a elaborar estratégias para fazer face ao desafio colocado pela dupla natureza da sua matéria-prima:

- 1) os acontecimentos (a matéria-prima preponderante do trabalho jornalístico) podem surgir em *qualquer parte*;
- 2) os acontecimentos podem surgir a *qualquer momento*;
- 3) face à imprevisibilidade, as empresas jornalísticas precisam de impor ordem *no espaço e no tempo*”.

Ramonet comenta a “cultura mundial”:

“Até o presente tínhamos três esferas: a esfera da cultura, da informação e a da comunicação (relações públicas, publicidade, “releases”, marketing político,

mídia empresarial”, etc). Elas eram autônomas e cada uma tinha seu próprio sistema de desenvolvimento. Ora, em razão da revolução econômica e da revolução tecnológica, a esfera da comunicação tem a tendência de absorver a informação e cultura, dando assim origem a uma única e mesma esfera global e universal: a *world culture*, de inspiração americana, uma espécie de comunicultura de massa planetária. A informação não consegue resistir mais do que a cultura a esta massificação...” (1999, p. 59)⁶.

CAPÍTULO 4

OS MANUAIS DE IMPRENSA¹ DE DOIS GRANDES JORNAIS IMPRESSOS

4.1 TEMPO DE NORMAS

Na sociedade moderna ocidental os homens e mulheres modernos conceberam um novo marco temporal que só conseguiu afirmar-se a partir e somente pela invenção do relógio mecânico moderno, cuja quadrícula de horas, minutos e segundos passou a ser difundida socialmente no século XIV. Rojas afirma que esta noção de tempo moderno é concebida como um “marco temporal” definido como um “marco abstrato, homogêneo, vazio”.

“(...) o tempo deixou de ser uma dimensão a mais da experiência vivida e cotidiana, para transformar-se em uma entidade que parece ter sido *expropriada* aos próprios homens. (...) Vivem agora sua vida como “inserida” no tempo, que regula as ações e existe à margem deles.(...)” (Rojas, 2002, p.69).

Também a revolução industrial e o processo de industrialização influenciaram, sobremaneira, a experiência e os modelos de tempo de trabalho nas organizações produtivas.

Chanlat (1996), assinala duas dimensões sob as quais se exprime a problemática do tempo de trabalho na empresa: o tempo como duração ou “tempo externo” – representado fundamentalmente pelo horário de trabalho, ou seja, a quantidade de tempo que constitui a prestação de trabalho de uma jornada – e o tempo como ritmo e cadência da atividade produtiva ou “tempo interno” – está relacionado com as características e a intensidade do tempo de trabalho inserido em determinada duração.

No caso do jornalismo impresso, as empresas adotaram novos procedimentos administrativos para controlar, na prática, este tempo, principalmente habilitando uma estrutura de marcos temporais, capaz de funcionar de forma adequada às horas de fechamento.

Com isso o jornalismo escrito ganhou novos procedimentos, principalmente a partir das décadas de 70 e 80 no Brasil, com os manuais de jornalismo impresso. Um dos seus principais objetivos é sem dúvida, regular as ações de trabalho e com isso padronizar no tempo o fazer e o produto jornalístico.

Serão abordados aspectos, nesse sentido, dos manuais da Folha de S. Paulo (Manual da Redação, 5. ed, 2002) e do Estado de S. Paulo (Manual de Redação e Estilo, 3. ed, 1997).

Chanlat, escreve:

“Para ressaltar um aspecto fundamental do tempo de trabalho nas sociedades nascidas da revolução industrial: **trata-se de um tempo caracterizado pelo constrangimento, pela obrigação. E é em grande parte através de normas que impõem este tempo** – verdadeiro tempo central da sociedade industrializada em que a massa dos trabalhadores e, de modo mais geral, todos os membros do sistema se integram (...)” (Chanlat, 1996,p.116).

4.2 O TEMPO NO MANUAL DA REDAÇÃO (FSP)

A Folha de S. Paulo foi fundada em 19 de fevereiro de 1921. A necessidade de normatizar o jornal foi iniciada em 1984, tendo como fio condutor o projeto editorial que vem se desenvolvendo desde os meados da década de 70.

Segundo o Manual FSP, na introdução: ²

“O novo manual também traduz uma flexibilização progressiva das normas presentes nas edições de 1984 e 1987, **mais impositivas**. Ele consubstancia os princípios da última versão do projeto editorial da **Folha** – divulgada em 1997 e aqui reproduzida – e procura orientar a aplicação desse projeto na prática cotidiana dos jornalistas”(p.7).

Interessante notar que várias normas que compõem o manual de 1984 e de 1987 são, originalmente, mais antigas. Algumas das normas que norteiam o jornal foram elaboradas no

chamado período Nabantino, quando José Nabantino Ramos, advogado e com doutorado pela USP, assumiu a direção das Folhas – Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite - em 10 de março de 1945. Nabantino permaneceu no comando das Folhas até 1962. Em 13 de agosto de 1962 vendeu as Folhas aos novos proprietários: Otávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho.

Segundo a socióloga Gisela Taschner (1992), Nabantino teve que lidar com “a alta dos preços do papel desde 1958, com a aceleração inflacionária desde 1959, e com desaceleração econômica a partir de 1962”(p. 99).

Vários autores, entre eles, Mino Carta - no prefácio da edição de 1988, do livro de Cláudio Abramo, “A Regra do Jogo” – Bernardo Kucinski (1988), falam da contribuição de Abramo ao Projeto Folha, principalmente no que se refere as inovações editoriais colocadas em prática pelo jornalista.

Fato inquestionável: Abramo – lembramo-nos do jornalista quando das suas visitas à redação da Gazeta Mercantil, ainda no prédio da Rua Major Quedinho, no centro paulistano - sempre foi respeitado nas redações dos jornais e pelo *staff* jornalístico. Abramo foi afastado da direção da redação da Folha em 1977.

“É inegável que a Folha cresceu porque em vários pontos soube dar seqüência às idéias do seu criador, mas

a essência da reforma está plantada no jornal dirigido por Cláudio Abramo” (Carta *cit in* Abramo, 1988, p. 12).

Pela ótica da gestão, no entanto, Nabantino, verifica-se, é de fundamental importância também para a compreensão do jornalismo impresso e sua práxis. Ele é o principal articulador e um dos pioneiros de um novo fazer jornalístico, baseado principalmente, em regras de controle da produção jornalística. Nabantino editou as primeiras “normas de trabalho “para a redação das Folhas – Manhã, Tarde e Noite – em 1959.

Em seu livro, “Jornalismo, Dicionário Enciclopédico”, publicado em 1970, Nabantino escreve:

“Procedendo eu da advocacia, que se desenvolve sob a disciplina de normas, sentia, como diretor de jornal, a falta de regras, tanto para o trabalho diário, como para reger as relações do periódico com o meio em que atuava. Estranhei profundamente que tudo isso se fizesse ao sabor da improvisação e do critério”. (p.15).

Nabantino era um empreendedor e na verdade suas “normas de trabalho” deixam claras a sua preocupação em padronizar o jornalismo para atender a demanda do jornal como empresa.

Nabantino (1970, p.14) afirma:³

“Quando em março de 1945, assumi a direção desses jornais, de jornalismo eu somente sabia o que sabem os leitores. Tive, porém, a boa idéia de reunir diariamente e durante anos a fio os chefes de serviço, para discutir os problemas do dia e apropriar-me rapidamente da experiência que tinham. Ao mesmo tempo, devorava toda a literatura estrangeira que havia sobre o assunto. Dessa associação da prática com a teoria, começaram a nascer ordens de serviço esparsas, que se avolumaram no decorrer do tempo, ao ponto de exigirem, para fácil manuseio e bom entendimento, que se reunissem em volume. Editamos, então, em 1959, as “Normas de Trabalho da Divisão de Redação, para a elaboração da Folha da Manhã, da Folha da Tarde e da Folha da Noite”, inserindo sinceramente, entre parênteses, na capa do volume de 275 páginas, que se tratava de “texto provisório, destinado a execução experimental”. A experiência gerara o livro e o livro voltaria então a ser testado pela experiência. Tudo deu certo. A elaboração das “Folhas”, e mais tarde da “Folha de S. Paulo”,

ganhou em eficiência e segurança, à proporção que era disciplinada por “Normas de Trabalho” escritas (...)”

Os procedimentos jornalísticos eram normalmente repassados à redação oralmente, principalmente pelos jornalistas mais velhos na profissão. No entanto, à medida que foram escritos, têm também caráter documental, e foram capazes de promover a padronização das rotinas de produção e do próprio produto: o jornal que passa a ser comandado pela gestão empresarial.

Taschner diz:

“(...) não se trata mais de um *jornal* cuja organização tem forma de empresa, trata-se de uma *empresa* que tem atividade jornalística. Ela é o sujeito, e não mais o jornal. Este é o *produto* da atividade da empresa” (1992, p.67).

Nos dias atuais, no Manual da FSP (2002), capítulo da “Folha” podemos encontrar por meio dos verbetes, antigos procedimentos adotados e elaborados por Nabantino – dispostos assim em seu livro de 1970 – e que continuam, verifica-se, em uso na empresa.

Oportuno lembrar que inclusive a forma de apresentar as normas em verbetes é invenção de Nabantino com a colaboração de sua equipe à época. A fórmula continua sendo seguida pelo Manual da FSP, edição 2002.

Nabantino era conhecido pelos jornalistas como um “homem de personalidade forte”.

“Apesar de não ter modernizado as Folhas em todas as áreas possíveis, o fez em muitas delas. Empirista, imediatista, personalista, aprofundou a burocratização do processo de trabalho e da empresa, à medida que a fazia crescer” (Taschner, 1992, p. 97).

Nabantino no verbete “Normas de Trabalho”:

“(...) a imprensa adulta também opera dentro de Normas, em todas as etapas de trabalho. As atribuições de cada chefe estão escritas. A maneira de escrever, de usar certas palavras, está disciplinada. O que se deve e o que não se deve publicar, também está previsto. (...) Assim, cada jornal deve ter as suas, se quiser enquadrar-se entre os organizados”. (1970, p. 171)

Nabantino concedia prêmios aos jornalistas por produção, mérito e alcance de metas, regras que não só fazem parte do atual Manual da FSP, como observa-se, estão em pleno uso no jornal.

Diz o Manual da FSP:

“Avaliação profissional –Jornalistas da **Folha** são avaliados formalmente pelo conjunto de seus superiores. As avaliações (ótimo, bom, regular, insuficiente e ruim) baseiam-se nos seguintes critérios: produtividade, número de notas publicadas na seção “Erramos”, advertências, conhecimento e aplicação das normas do “Manual da Redação”, domínio de linguagem, exclusividade de informações, iniciativa, criatividade,

disciplina, empenho, confiabilidade técnica, versatilidade, rapidez e ações de aperfeiçoamento profissional”. (p. 107). ⁴

“**Premiação** – A **Folha** estimula seus jornalistas também por meio de premiações. Elas obedecem a uma graduação que vai do cumprimento formal aos profissionais que se destacam no exercício de suas tarefas às premiações pecuniárias por excelência do trabalho jornalístico ou alcance de metas. As premiações recebidas são levadas em conta no momento de fazer a avaliação do jornalista”; “**Promoção por mérito** – Concedida na **Folha** com base na avaliação do desempenho do jornalista; **Metas** – A **Folha** estabelece metas de desempenho mensais e anuais para seus profissionais”. (p. 114-15).

Segundo Taschner, “Nabantino começou a tratar os jornalistas como se fossem operários de uma fábrica de qualquer outra mercadoria e passou a dar prêmios por volume de produção. Quem escrevesse mais ganharia mais” (1992, p. 94).

Para compreender melhor o trabalho prescrito e padronizado no tempo é oportuna a colocação de algumas concepções da

teoria organizacional– cujos primeiros estudos no campo jornalístico são remetidos ao sociólogo norte-americano *Warren Breed*.

Para Traquina(2001, p. 72):⁵

“(...) na teoria organizacional, a ênfase está num processo de socialização organizacional em que é sublinhada a importância duma *cultura* organizacional, e não uma *cultura profissional*”.

A teoria do desenvolvimento organizacional (DO), uma das muitas teorias administrativas, surgiu na década de 60, época de profundas mudanças nos comportamentos das pessoas e das organizações.

Ferreira (1997, p. 68) escreve:

“(...) alguns autores vêem a gênese dos programas de DO nas idéias fornecidas por Mayo, Roethlisberger

& Lewin. (...) para esses autores, o DO se baseia no reconhecimento da importância da cultura da empresa sobre o comportamento de seus integrantes”.

É importante também ressaltar algumas idéias de Taylor para a compreensão do tempo contido no trabalho prescrito por manuais, especialmente no campo jornalístico: o plano de incentivo salarial, o tempo-padrão e a seleção científica do trabalho.

Ferreira escreve: ⁶

“Plano de incentivo salarial – a remuneração dos funcionários deve ser proporcional ao número de unidades produzidas. Essa determinação se baseia no conceito do Homo economicus, que considera as recompensas e sanções financeiras as mais significativas para os trabalhadores. **Tempo-padrão** – o trabalhador deve atingir no mínimo a produção-padrão estabelecida pela gerência. É muito importante contar com parâmetros de controle da produtividade, porque o ser humano é naturalmente preguiçoso. Se o seu salário

estiver garantido, ele certamente produzirá o menos possível. **Seleção científica do trabalhador** – o trabalhador deve desempenhar a tarefa mais compatível com suas aptidões. A maestria da tarefa, resultado de muito treino, é importante para o funcionário (que é valorizado) e para a empresa (que aumenta sua produtividade”. (1997, p.15-16).

Taschner enfatiza que à medida “em que os antigos processos de trabalho se degradam (via especialização e progressiva separação entre seus aspectos manual e mental) , mecanizam-se e se desenvolvem as funções de gerência, ao mesmo tempo que as empresas crescem e o capital se concentra e centraliza”(1992, p.95).

A Folha de S. Paulo utiliza também, programas de qualidade, difundidos principalmente, após o início dos anos 80, também conhecidos como modelo de gestão por excelência ou qualidade total (programas de qualidade).

Os programas de qualidade são abordados no Manual da FSP e também no projeto editorial. A questão é tratada na última versão do projeto de 1977:

“A adaptação de programas de qualidade à esfera das Redações tem mostrado que é possível reduzir a incidência dos erros de forma (linguagem e digitação), ao mesmo tempo em que abre caminho para um combate pela primeira vez metódico aos erros mais importantes, os de conteúdo, cujos mapeamento, prevenção e retificação ainda são, quando muito, incipientes”
(Manual FSP, p. 17).

Já no Manual FSP:

Programa de Qualidade – Núcleo de apoio à Redação que tem como objetivo ajudar o jornal a cumprir suas metas de excelência editorial. Está entre suas atribuições organizar iniciativas de combate a erros de informação, de gramática, de digitação e de padronização. Cabe também ao programa zelar pelo respeito às normas deste manual e auxiliar a implementação do projeto editorial da Folha” (p.115).

4.3 O TEMPO NO MANUAL DE REDAÇÃO ESTILO (OESP)

O Estado de S. Paulo foi fundado em 4 de janeiro de 1875. Seu primeiro nome foi “A Província de São Paulo” e seu principal vendedor, Bernard Grégoire que a cavalo e portando um berrante, anunciava o jornal à São Paulo antiga. Simbolicamente é representado pela criação do selo *ex-libris*, marca da empresa até hoje.

Passou a circular com o nome “O Estado de S. Paulo” em 1889. Também é conhecido popularmente como “Estadão”.

A principal diferença entre o manual da FSP em relação ao do OESP é o fato do manual do OESP ter autor: Eduardo Martins.

Enquanto o manual da FSP representa a empresa perante um padrão de racionalização da produção, consolidado por um projeto editorial lançado a partir da década de 70, o jornal OESP publica suas normas por meio de um interlocutor.

“De autoria do jornalista, Eduardo Martins, 57 anos, 37 deles dedicados ao ofício de moldar textos na Redação do **Estado**, o Manual chega agora à terceira edição. Cada um dos seus verbetes traz a experiência de quem

chefiou incontáveis editorias no jornal, foi seu secretário de Redação e já por oito anos auxilia a Direção da Redação no controle de qualidade dos textos publicados”. (OESP, 1997, p. 5).

Maciel escreve:

“Se a obra, no entanto, é apresentada como um manual vinculado a uma instituição jornalística, era de se esperar que questões diretamente ligadas à prática centralizassem sua abordagem, mas isso não ocorre. A maior parte do manual compõe-se de instruções gramaticais, noções de estilo e prescrições sobre seleção de palavras e expressões. A linha editorial do Estado fica diluída entre as centenas de verbetes e apenas na primeira parte da obra é possível apreendê-la de uma forma mais simples e clara. O manual OESP apresenta os preceitos gerais para a prática jornalística no jornal (imparcialidade, isenção, objetividade, e credibilidade) mesclados com as reiteradas prescrições de compromisso com a correção e o bom gosto vocabular. Apesar disso, esse forte caráter gramatical e vocabular funciona como mecanismo de controle editorial, pois vai determinar que termos podem e/ou devem ser utilizados,

por que e como. Isso atuará diretamente nos moldes em que os textos deverão ser produzidos (...)” (2001, p. 52-53).

De acordo com Traquina:

“O jornalista sabe que o seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que os seus superiores hierárquicos e os seus assistentes têm certos poderes e meios de controle”. (2001, p.77).

Na solicitação à redação “para que os erros deixem de ser cometidos” (p.6) há, no fundo, uma condição temporal no trabalho prescrito pelo Manual OESP, ou seja, o trabalho jornalístico precisa ser ágil em todo o processo de produção. E de uma certa maneira é alcançado pela organização jornalística, à medida que transfere a responsabilidade para o jornalista de elaborar um texto dentro de padrões e o personifica com a possibilidade da assinatura do jornalista na matéria.

No capítulo 1, “instruções gerais”:

“Proceda como se o seu **texto** seja o **definitivo** e vá sair tal qual você o entregar. O processo industrial do jornal

nem sempre permite que os copistas, subeditores ou mesmo editores possam fazer uma revisão completa do original. Assim, depois de pronto, reveja e confira todo o texto, com cuidado. Afinal, é o seu nome que assina a matéria”. (Manual OESP, p. 18).⁷

O Manual OESP ao solicitar que os textos sejam “imparciais e objetivos” (p.17), padroniza e torna viável o fazer jornalístico industrial. Permite que a edição do jornal seja uniforme. Sem que nos detenhamos em extensa exemplificação a partir dos verbetes do Manual OESP, pode-se relacionar como principal característica da obra, a preocupação com a exatidão e a precisão.

4.4 O TEMPO DOS HORÁRIOS-LIMITES (DEADLINES)

É um tempo de trabalho prescrito. É um tempo característico do jornalismo impresso – no entanto, adotado também em outros meios – marcado pela cadência da atividade produtiva, pela intensidade do tempo de trabalho inserido em determinada duração: os horários-limites. É um tempo de trabalho exaustivo, estressante e central. Exaustivo porque

requer retrabalho; estressante porque há um horário-limite de fechamento a ser cumprido diariamente e central porque é administrado por cada editor, no momento em que ocorre o fechamento diário, ou seja, na sua duração.

Verifica-se, no fechamento, um clima de tensão no ar. As pessoas ficam mais agitadas. Há muita cobrança. De texto, título, foto, gráfico, com o objetivo de fazer a edição ficar pronta em seu horário.

Poucos produtos exigem tanta sincronização de esforços para cumprir o prazo de entrega como o jornal. Enquanto, para a maioria dos produtos, a unidade de tempo relevante é o dia, a semana o mês, a medição do tempo das etapas de produção do jornal deve ser efetuada em minutos.

O ciclo de produção envolve o uso de diversas tecnologias, vários equipamentos especializados e profissionais. Por esse motivo, no meio editorial, fala-se do estresse do jornalismo, resultante da constante pressão do tempo sobre o meio impresso.

Girin Escreve: ⁸

“Uma organização é um local para o qual são trazidos, e no interior do qual são reproduzidos e produzidos, esquemas de conhecimento, instrumentos de análise e corpos de conhecimento mais ou menos sistematizados (que variam da simples habilidade até o saber formalizado e transmissível por meio de manuais) sobre o ambiente, a tecnologia, a própria organização (enquanto esquema de ação e universo social) e a psicologia dos indivíduos. Em graus diversos, neste local existem conhecimentos sobre todos os aspectos do funcionamento organizacional e de sua inserção no universo que o rodeia” (*cit. in* Chanlat. 1996, p. 35)

Os horários-limites (*deadlines*) ou horários de fechamento dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo existem para orientar a redação e fixar o horário-limite de cada editoria no ciclo diário de produção de notícias.

Escreve Senra:

“No jornal a escrita apenas anota a escansão temporal, registra uma sucessão que nada acumula ou transforma: **no jornal é o tempo, e só o tempo, que confere sentido à escrita**” (1997, p. 99).⁹

De acordo com pesquisa, verifica-se, a concentração dos horários-limites das diversas editorias, nos dois jornais, no período noturno das 19:30 até às 23 horas. No entanto, determinados cadernos – segmentados e variáveis de acordo com o dia da semana – podem ter seu fechamento-limite às 14:30 horas, por exemplo.

O horário-limite (prazo de entrega) da primeira página, no entanto, pode ultrapassar às 23 horas. A capa é o rosto do jornal e mostra, sem disfarces, o entrelaçamento com o tempo, fator que denota a atualidade da notícia, ao mesmo tempo, o seu caráter perecível.¹⁰

Podemos dizer que o tempo do jornal é um tempo próprio – ainda que os outros meios tenham também seus horários de fechamento - característico e específico do meio impresso,

acima de tudo, de caráter controlador nos dois jornais observados.

Oportuno mencionar Medina em seu estudo sobre o Jornal da Tarde em que aborda a questão dos horários de fechamento:

“ é recente o trauma que primeiro os editores do Jornal da Tarde e depois os do O Estado de S. Paulo sofreram com a fixação de horários de fechamento das páginas nos chamados prazos-limites”(…) (cit in Taschner, 1992, p. 94).

Antes do tempo de normas, o fazer jornalístico não sofria uma influência tão rígida do relógio. Os textos podiam ser trabalhados no correr das horas. Com a fixação de padrões, impostos principalmente por manuais e pela adoção de novas tecnologias, os meios impressos, especificamente os jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, obedecem aos padrões industriais estabelecidos por seus gestores.

Verifica-se, na Folha de S. Paulo como em O Estado de S. Paulo – que utiliza também programas de qualidade–obediência aos padrões gráficos. Há regras para titulação de

textos, para a disposição deles nas páginas, assim como de fotos, gráficos, tabelas. As regras garantem a formatação do produto final nos horários estabelecidos.

Diz o Manual da FSP:

“Dentro dos limites dessa formatação gráfica, compete à edição buscar as soluções mais criativas para expor os assuntos, seja na elaboração dos títulos, seja na produção das imagens fotográficas e desenhos ou na composição visual do conjunto”. (2002, p. 35).

Segundo Traquina (2001), pesquisa feita no âmbito da teoria organizacional no sentido de investigar as variáveis que podem intervir no funcionamento da empresa, indica:

“O tamanho da empresa influencia: a) o grau de especialização dos jornalistas – havendo mais especialização nas grandes empresas; b) a dinâmica comunicacional dentro da empresa – havendo menos comunicação interativa nas grandes empresas; c) o grau de autonomia dos jornalistas – havendo mais autonomia

nas pequenas empresas porque há diferentes estruturas de autoridade. Nas pequenas empresas, a estrutura é mais flexível, enquanto nas grandes empresas as estruturas de controle são mais formais e mais centralizadas”. (2001, p.80).

Numa abordagem reflexiva, ainda sobre a estrutura organizacional de um grande jornal, no caso a Folha de S. Paulo, Kucinski escreve:

“E é na redação da Folha de S. Paulo, esse jornal paradigmático de *fin de siècle*, mais do que em qualquer outra redação brasileira, que o processo social de construção da notícia, em vez de prazeroso, tornou-se doloroso, marcado por relações autoritárias e as mais altas taxas de rotatividade. Nesse tipo de redação exerce-se o medíocre micropoder do chefe sobre o subalterno, por meio do direito capitalista de demitir, de excluir o intransigente, de mexer nos textos dos repórteres e de os humilhar com controles quantitativos de produção. Trata-se de um padrão de relações de trabalho coerente com as novas ideologias *yuppies*”(…) (1998, p.78).

Os dois jornais, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, fazem diariamente, relatórios sobre os horários de fechamento de cada editoria no dia anterior. O objetivo dos relatórios é controlar o fechamento e fazer com que os *deadlines* sejam respeitados. O assunto é abordado no “controle de fluxo” do manual FSP:

“A **Folha** mantém controle diário do ritmo com que as equipes editam as reportagens e concluem a edição.”(...) (p.110).

O assunto horário-limite não é abordado, de forma explícita, no manual do jornal O Estado de S. Paulo. Uma das razões é que na “parte jornalística propriamente dita, detalhes dispensáveis sobre leads, títulos, reportagem, etc., foram poupados do leitor” (p. 14). Segundo pesquisa, verifica-se, que o controle dos horários-limites, também estabelecidos por normas gerenciais, é feito por meio de relatório diário. (ver anexos).

O Estado de S. Paulo tem duas edições diárias: as edições Brasil e S. Paulo. De acordo com Gazzzi, a primeira edição gira ao redor das 20 horas e a segunda, em que há uma atualização, em torno das 21:30 horas.

Peguemos como exemplo, a edição Brasil do dia 3/07/2002. O Caderno 2 – Brasil/S. Paulo, tinha prazo-limite de fechamento para às 14:15(caso das páginas 1e 12). Ambas sofreram atraso de 10 minutos e 11 minutos, respectivamente, sendo fechadas às 14:25 e 14:26 respectivamente.

No caso da editoria de Esportes, edição Brasil, o maior atraso foi registrado pela página 9, de 24 minutos, ou seja, prazo de fechamento de 20:10 e prazo real de fechamento, 20:34.

Já no caso da Edição S. Paulo, fechada mais tarde, a editoria de economia fechou praticamente com atraso em todas as páginas – com exceção da página 15 que foi fechada 45 minutos antes do horário-limite de 22 horas – na edição do dia 3/07/2002.

Com relação à primeira página, cujos horários-limites são de

20:15 e 23 horas, na primeira e segunda edições, respectivamente, normalmente há atrasos nos fechamentos diários.

No caso de médias de atrasos redacionais, a Edição Brasil, fechou com 7 minutos em maio de 2002, o que representa 3,4 minutos a menos de atraso em relação ao mesmo período do ano anterior: 10,4 minutos. Já a Edição S. Paulo, em maio deste ano, indicou atraso de 3 minutos, 1 minuto a mais em relação a igual período do ano anterior. Os números indicam o real controle administrativo da produção.

Com relação a primeira página, ela é a mais importante do jornal, condensa em sua edição um resumo de todo o jornal e principalmente exige, para ser feita, atenção redobrada para se evitar erros de conteúdo e de digitação, principalmente.

Os manuais da FSP e OESP, de domínio público, são importantes ferramentas de controle de tempo no ciclo produtivo de feitura dos jornais. Mesmo o que tem como enfoque a padronização de estilo, caso do manual OESP, tem por objetivo criar fôrma/modelo, o que facilita o processo de

edição, diminuindo etapa de copidesque, (reescrevedores de texto) por exemplo.

O processo produtivo dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo são inerentemente complexos. Até chegar ao leitor, a feitura do jornal requer várias etapas de produção. De um modo sintético, o ciclo produtivo direto está assim estabelecido: a informação jornalística é elaborada na redação e passa pela editoração. A editoração, por sua vez, está ligada aos setores de operação e produção (transporte e manuseio de papel, manutenção), e estes à distribuição (fornecedores), e o jornal segue rumo ao leitor com apoio dos setores de circulação e marketing.

Em razão do emprego de novas tecnologias, o ciclo produtivo acima descrito vem sofrendo modificações. A utilização de editoração eletrônica pelos dois jornais possibilita o controle maior sobre o trabalho em toda a redação e a possibilidade de atuação de toda uma equipe.

Uma matéria que esteja sendo preparada, por exemplo, em Tóquio, no Japão, por um repórter conectado ao Sistema

Hermes, por exemplo, utilizado pelo jornal O Estado de S. Paulo, torna-se instantaneamente disponível para todos os usuários do sistema, independentemente da localização geográfica de cada um dos envolvidos. Assim, a direção do jornal possui mais autonomia para coordenar as edições e alterá-las de modo instantâneo, segundo Lacreta.

Na imprensa do passado, a máquina definia o produto. A impressão era feita com máquinas LetterPress- carimbo (matriz direta), monocromático (preto e branco) e com qualidade gráfica limitada. Por exigência do maquinário, os jornais eram organizados em poucos cadernos de grande volume. Atualmente, há demanda por cadernos com volume menor voltados ao leitor que se interessa por assuntos específicos (automóveis, imóveis, informática) e maior qualidade de impressão – uso de *offset* com água e tinta (matriz indireta) e mais acessórios nas máquinas para obter a flexibilidade necessária à montagem do jornal.

No jornal O Estado de S. Paulo, a implantação do sistema Hermes, da Unisys italiana, foi iniciada em 1997. Entre outras

vantagens, o novo sistema eliminou o past-up (montagem manual), pelo qual grande parte do processo de produção era feito com o uso de estiletes para recortar textos e imagens que posteriormente eram colados para montar o fotolito final.

O processo de montagem manual é usado ainda por muitos jornais: o *The New York Times* utilizava esta tecnologia no início de 1999.

No caso da Folha de S. Paulo, um sistema elimina o uso de filme fotográfico na montagem do jornal. As novas tecnologias colocadas em prática e controladas pela gestão permitem ganhos de tempo no fechamento final da edição.

Ainda que atrasos sejam característicos do ciclo produtivo do meio impresso, há ganhos de tempo com a redução de ciclos de produção ao longo do dia, o que facilita o processo de montagem das páginas do jornal.

O uso de tecnologia de informação nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo possibilitou o trabalho jornalístico sem restrição geográfica. O repórter de qualquer lugar pode conectar-se à redação via Internet e trabalhar integrado aos

demais membros de equipe, acessando todos os recursos, como se estivesse na redação do jornal.

No caso do O Estado de S. Paulo, por exemplo, a experiência foi feita na Copa do Mundo de 1998. A equipe enviada à França formou uma pequena redação com mais de 400 quilos de equipamento e utilizou uma linha de transmissão de dados de alta velocidade. A equipe fazia a cobertura do campeonato mundial e trabalhava como se estivesse em São Paulo, desenhando páginas, editando textos e selecionando fotos.

Para se ter uma idéia da tecnologia empregada nos dois jornais, basta rever a de um jornal tradicional, em que o trabalho é organizado funcionalmente, ou seja, há áreas específicas e bem delimitadas, estabelecidas de acordo com suas especialidades funcionais (redação, gráficos e ilustrações, diagramação, por exemplo).

A criação de uma reportagem percorre todas estas áreas funcionais. Além disso uma área só inicia sua parte no trabalho quando a anterior conclui o processo. Sendo assim, um dos problemas do processo produtivo dentro de uma

estrutura funcional é o constante deslocamento do produto em processo por meio das estações de trabalho até que seja finalizado.

No caso específico da redação, a editoração eletrônica permite que o repórter finalize o texto, pois sabe quantas linhas têm sua matéria, qual o seu formato na página. Na verdade, o repórter escreve diretamente na página desenhada na tela do computador já com os espaços reservados para os títulos, legendas de fotos, por exemplo. A visualização do que será impresso é real com fotografias coloridas, leiaute, arte, gráficos. Com isso, agiliza-se o processo de feitura do jornal. É o conceito de “engenharia simultânea” em que o repórter trabalha *online* na elaboração da matéria com a possibilidade de experimentos e interações sucessivas para depurar o resultado final.

CONCLUSÃO

Com o objetivo de buscar novas formas para compreender a “recente” realidade social global, especialmente o jornalismo que comanda boa parte do tempo da sociedade, onde os homens têm sua vida “inserida no tempo” , o regulador de suas ações, nos deparamos com um problema: percebemos, então, a enorme complexidade do tema e também a intensa relação entre o tempo e o campo jornalístico.

Delimitamos como problema da presente pesquisa, a forma como o jornalismo impresso de grande jornais, lida, na prática, com este tempo específico no âmbito da organização jornalística.

Para analisá-lo, tivemos como fio condutor um amplo referencial teórico, associando o problema do tempo – em suas diversas manifestações como realidade empírica ou como dimensão objetiva, como condição de consciência temporal ou

modo de percepção das sociedades ocidental e oriental sobre temporalidade.

Assim, com o jornalismo colocado como atividade industrial, o tempo passa a ter também, um caráter dinâmico dentro das organizações jornalísticas. A informação passa a ser vista como mercadoria e novas tecnologias são incorporadas às organizações jornalísticas.

O tempo está intrinsicamente ligado ao jornalismo. No meio impresso, a primeira página, por exemplo, conduz a uma proximidade temporal e também a uma padronização de conteúdo, principalmente em razão dos manuais de imprensa.

Em razão disso, temos também, a percepção de que o tempo, à exemplo da sociedade moderna, vive agitado e em aceleração. No entanto, é no tempo presente que o jornalismo está inserido.

A notícia do jornalismo impresso tem uma vida breve – foi produzida ontem pelo jornalista - está presente na edição de hoje dos grandes jornais de circulação nacional - e quando

lida pelo leitor deixa de estar no tempo presente para passar para o pretérito.

O tempo do jornalismo é específico e o resultado do seu trabalho, tem como avalista, o tempo. O tempo que as organizações jornalísticas aprenderam de uma forma própria, lidar, administrar e lucrar.

No seio das organizações jornalísticas analisadas, predomina um método de gestão que engloba ainda práticas administrativas compatíveis com a administração de um “tempo de obrigação”, (Chanlat, 1996), imposto principalmente por normas, disponíveis nos manuais ou para além deles, com estabelecimento de organogramas, cronogramas, circulares.

Mesmo o manual com forte caráter gramatical e vocabular – caso do jornal O Estado de S. Paulo – atua como mecanismo de controle editorial, dita padrões de como os textos deverão ser produzidos e em que prazo-limite (deadline).

O controle do tempo no caso do jornal O Estado de S. Paulo não é tratado de forma explícita no seu manual, com a desculpa de poupar o leitor de questões jornalísticas. No entanto, verificou-se, ele é administrado com rigor com o propósito de agilizar o ciclo produtivo e tempo de feitura do jornal.

Já a Folha de S. Paulo trata da questão da racionalidade de produção de uma forma mais aberta em seu manual. Por ser um jornal que tem como suporte um projeto editorial, as questões de padronização são centrais para o jornal. A empresa não esconde do leitor e de seus jornalistas, o fator tempo como questão determinante no ciclo produtivo da Folha de S. Paulo.

Todo o modo de gestão tem dois componentes: um abstrato, formal, prescrito e o outro, real, dinâmico. É justamente da relação dos dois componentes que a mediação organizacional se nutre. O tempo é administrado de forma austera nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.

A presente pesquisa pode identificar que o jornal Folha de S. Paulo, por exemplo, ainda coloca em prática, procedimentos administrativos da década de 70.

Em relação ao tempo, o modo de gestão tayloriano – especialmente em relação aos horários rígidos e motivações de ordem econômica - tem sido colocado em prática.

No entanto, os dois jornais diante de avanços tecnológicos, utilizam programas de qualidade, o modelo de gestão por excelência, também chamado qualidade total, difundidos principalmente, após o início dos anos 80. O modelo valoriza o primado do êxito, a supervalorização da ação.

Em resumo, os jornais utilizam modelos de gestão capazes de administrar o tempo característico do meio impresso. Para assegurar o jornal pronto no horário final, horários-limites são estabelecidos nas várias etapas de produção, como forma de assegurar a distribuição do jornal. O objeto de estudo da pesquisa, no entanto, foram os manuais de imprensa e como consequência os *deadlines* do jornalismo impresso.

Outras abordagens serão necessárias à luz da ciência social, para que se compreenda o tempo no jornalismo impresso. A contribuição desse trabalho, no entanto, talvez resida no fato de permitir o estudo do tempo como fator essencial no meio impresso.

Para que o jornalismo impresso possa desenvolver novos caminhos, novos modelos de gestão precisam ser adotados: o participativo, por exemplo, que se dá em vários níveis e garante a fala do trabalhador nos desígnios da organização.

NOTAS DE FIM

INTRODUÇÃO

¹ Manual OESP e Manual FSP como referências ao Manual de redação e estilo ao Manual da redação respectivamente.

CAPÍTULO 1

¹ Crono é Krónos ou Chrónos em grego e sem etimologia certa. Um dos titãs que pertence a primeira geração divina de acordo com a mitologia grega.

² Khrónos em grego é o tempo circular. Cf. HOLANDA FERREIRA, 1986. P. 503.

³ Os grifos são próprios da publicação.

⁴ As citações de *Teogonia* são feitas a partir da tradução de J.AA Torrano, São Paulo, 1981.

⁵ As citações de *Os Trabalhos e os Dias* são feitas a partir da tradução de Mary Camargo Neves Lafer, São Paulo, 2002.

⁶ Os grifos são próprios da publicação.

⁷ Os *Veda* são os textos mais antigos da cultura védica em que há riqueza de narrativa e poesia.

⁸ É de Santo Agostinho o mérito de ver o tempo como algo que está na consciência.

⁹ O escritor argentino formula sua teoria pessoal sobre a eternidade, inicialmente no livro “El idioma de los argentinos”, em 1928, cujo texto se chamava “Sentirse en muerte”. Volta a transcrevê-lo em *História da Eternidade*. Os grifos do texto são da publicação.

¹⁰ Os grifos são da autora.

¹¹ Javé é o nome do Deus de Israel na bíblia hebraica. O grifo é da autora.

¹² Os grifos são da própria publicação.

¹³ Grifo do autor.

¹⁴ Grifo próprio dos autores.

¹⁵ Grifo dos autores.

¹⁶ Os grifos são do autor.

CAPÍTULO 2

¹ Os grifos em itálico são próprios da publicação.

² Ford “de bigode” é o apelido do famoso “modelo T”, produzido apenas na cor preta no início do século.

³ Notícia concebida como produto elaborado pelo jornalista em seu processo de produção.

⁴ Os grifos em itálico são da publicação.

⁶ Os grifos em itálico são da publicação.

⁷ Os grifos em itálico são da publicação.

CAPÍTULO 3

¹ Notícia abordada como o novo, o inédito.

² Os grifos em itálico são próprios da publicação

³ Os grifos em negrito são próprios da publicação.

⁴ Apoiamo-nos no conceito de notícia como narrativa, história. Os grifos são próprios da publicação.

⁵ Os grifos são da própria publicação.

⁶ Os grifos em itálico e reticências são próprios da publicação

CAPÍTULO 4

¹ Serão utilizados Manual OESP e Manual FSP para designar o Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo e Manual da Redação da Folha de S. Paulo, respectivamente.

² “Mais impositivas”, grifo nosso. “Folha”, em negrito no manual FSP, próprio da publicação.

³ Os grifos são próprios da publicação, inclusive a acentuação que reflete os padrões de escrita estabelecidos em 1970.

⁴ Os grifos são próprios da publicação.

⁵ Os grifos em itálico são próprios da publicação.

⁶ Grifo nosso. Cf. Max Weber. *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo. Ed. Pioneira, 1967.

⁷ Os grifos em itálico são próprios da publicação.

⁸ GIRIN, Jacques. *A linguagem na organizações: signos e símbolos*. In: Chanlat (1996). P.35.

⁹ Grifo próprio da publicação.

¹⁰ Segundo Roberto Gazzi, diretor-executivo do jornal OESP, soluções tecnológicas permitem que sejam trocadas manchetes e/ ou fotos da primeira página após o seu deadline sem prejudicar a edição final do jornal.

Bibliografia

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**: Tradução Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Original Italiano.

ABRAMO, C. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ANDRÉ, A. **Ética e códigos da comunicação social**. 4. ed. ver. e amp. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2000.

ANDREWES, W. Uma crônica do registro do tempo (Tecnologia). **Scientific American Brasil**. São Paulo: Duetto Editorial, n. 5, p. 88-97, out. 2002.

BALDINI, M. (Org.). **Amizade & Filósofos**. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2000. (Coleção Filosofia e política). Original Italiano.

BARDAN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BENVENISTE, E. **Problèmes de Linguistique générale**. Paris, Gallimard. V. 2. 1974. p. 73.

BERNHOEFT, R. **Administração do tempo**: um recurso para melhorar a qualidade de vida pessoal e profissional. São Paulo: Nobel, 1985.

BORGES, J. **História da eternidade**. 3. reimp. 2. rev. Tradução Carmem Cirne Lima. São Paulo: Globo, 2001. Original Espanhol.

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, A. (Org.). **Tempo e história**. 2. ed. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 20 – 27.

BRANDÃO, J. **Mitologia grega**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. V. I.

BREED, W. **Social control in the Newsroom**: A functional analysis, social forces, V. 33 , Outono. 1955. p. 152-166.

BRUNEL, P. (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Tradução Carlos Sussekind [et al.] . Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. Original Francês.

BURNIK, J. **Argentina**: Jornalismo busca acertar o passo. Disponível em:<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq1505200291.htm>> Acesso em 15 maio 2002.

CHANLAT, J. (Coord.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. Tradução: Christina T. Costa, Maria Helena C. V., Ofélia de Lanna Sette Tôrres. São Paulo: Atlas, 1996. Original Francês.

CHAPARRO, M. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria de ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.v. 44.

CHAUÍ, M. **Discurso competente e outras falas**. São Paulo: Moderna, 1981.

CHAUVIN, D. Apocalipse. In BRUNEL, P (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 54.

CIPOLLA, C. Clocks and culture 1300-1400. In: CHANLAT, J. (Coord). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1996. p. 112.

DAMASIO, A. R. Lembrando de quando tudo aconteceu (Neurociência). **Scientific American Brasil**. São Paulo: Duetto Editorial, n. 5, p. 78-85, out. 2002.

DAUPHINÉ, J. Mitos cosmogônicos. In: BRUNEL, P. (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 697.

DAVEL, E.; VASCONCELOS, J.(Orgs.) **“Recursos” humanos**: e subjetividade. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

DAVIES, P. Esse fluxo misterioso (Física). **Scientific American Brasil**. São Paulo: Duetto Editorial, n. 5, p. 54-59, out. 2002

DE MASI, D. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. 2. ed. Tradução de Yadyr A. Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olympio; Original Italiano, 1999.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 3. ed. Tradução de Luiz Alberto Monjardim, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. Original Francês.

DETIENNE, M; SISSA, G. **Os deuses gregos**. Tradução de Rosa Maria Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (A vida cotidiana) Original Francês.

DINES, A. **O papel do jornal: uma releitura**. 6. ed. São Paulo: Summus editorial Ltda. 1986. (novas buscas em comunicação ; v. 15)

DOWBOR, L, et al. (Orgs.) **Desafios da comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (Coleção Horizontes da Globalização).

ECO, H. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. 7. ed. Tradução de Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. Lisboa: Editorial Presença, 1998. Original Italiano.

_____ **Viagem na irrealidade cotidiana.** Tradução de Aurora Formoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Original Italiano.

Ezzel, C. Tempo e cultura (Antropologia). **Scientific American Brasil.** São Paulo: Duetto Editorial, n. 5, p. 86-87, out. 2002.

FAUS BELAU, A. **La ciência periodista de Otto Groth.** Pamplona : Ipum, 1996. p. 48.

FEITIÇO do tempo. Direção de Harold Ramis. L.A. Columbia Pictures Industries Inc : dist. Sony Music Entertainment, 1993. 1 filme (97 min): son; color; 12 mm.

FERREIRA, A; PEREIRA, M; REIS, A. **Gestão empresarial:** de Taylor aos nossos dias. São Paulo: Pioneira, 1997.

FIALHO, F. A. **Uma introdução à engenharia do conhecimento:** a compreensão (Gênesis). Santa Catarina.

FIORIM, J. **As astúcias da enunciação:** categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Editora Ática, 1996.

FLEURY, M.; FISCHER, R. (Cood.). **Cultura e poder nas organizações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GARCIA, L. (Org.) **O globo manual de redação e estilo**. 3. ed. São Paulo: Globo, 1992.

GAZZI, R. **Entrevista concedida pelo Diretor-Executivo do Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo, 10 jul., 2002.

GIBBS, W. A última palavra em relógios (Relógios Futuros). **Scientific American Brasil**. São Paulo: Duetto Editorial, n. 5, p. 98-105, out. 2002.

GIRIM, J. A linguagem nas organizações: signos e símbolos. In: CHALAT, J. (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. Tradução: Christina T. Costa, Maria Helena C. V. , Ofélia de Sanna Sette Tôrres. São Paulo: Atlas, 1996. Original Francês. p. 35.

GOMES, D. **A questão da subjetividade na obra de Borges**. São Paulo, 1991. 335 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Setor de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GONÇALVES, J.C. **Caetano Veloso: cartografias da memória.** São Paulo, 2000. 302 f. Tese (Doutorado Educação) – Setor de Linguagem e Educação, Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES, R. **Dicionário da mitologia grega.** São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

HAWKING, S. **Uma breve história do tempo: do big bang aos buracos negros.** Tradução de Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. Original Inglês.

KUCINSKI, B. **A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

KYNASTON, D. **The Financial Times: A centenary history.** New York: Viking Penguin Inc, 1988.

LACRETA, J. **Entrevista concedida pelo Diretor-Industrial do Jornal O Estado de São Paulo.** São Paulo, 06 ago. 1999.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 5. ed. 3. imp. São Paulo: Editora Ática, 2002. (Série Princípios. V. 29).

_____**Linguagem jornalística**. 7. ed. 3 imp. São Paulo: Editora Ática, 2001. (Série Princípios).

LANDES, D. L' heure qu'il est: les horloges, la mesure du temps et la formation du moderne. In: CHANLAT, J. (Coord). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1996. p. 112.

LUCCHESI, I. **Informação & saturação: Mídia e a dispersão do real**. Disponível, em: <<http://www.obsevatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq50520027htm>> Acesso em 15 maio 2002.

MACIEL, S. **Manuais de estilo, notícia e subjetividade**. São Paulo, 2001. 153 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e lingüística) - Setor de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MALAMOUD, C. Narrativa silenciosa. In: NOVAES. A. (Org.). **Tempo e história**. 2. ed. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 159-164.

MANUAL de redação: Folha de São Paulo. 5. ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

MARTINS, E. **Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo**. 3. ed. rev. amp. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MEDINA, C. **Notícia**: um produto à venda. São Paulo: Editora Alfa omega, 1978.

_____ **Entrevista** (o diálogo possível). São Paulo: Ática, 1995.

MEDITSCH, E. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

MORETZOHN, S. **Tempo real**: a velocidade como fetiche.

Disponível

em:<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/all50520025.htm>> Acesso em: 15 maio 2002.

MUSSER, G. Um buraco no coração da física (Filosofia). **Scientific American Brasil**. São Paulo: Duetto Editorial, n. 5, p. 60-61, out. 2002.

NUNES, B. Experiências do tempo. In: NOVAES, A. **Tempo e história**. 2. ed. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 131-140.

NIETZSCHE, F. **Infinito no pensamento da antigüidade clássica**. Tradução de Luís Darós. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

NOVAES, A. (Org.). **Tempo e história**. 2. ed. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

PESSANHA, J. O sono e a vigília. In NOVAES, A. **Tempo e história**. 2. ed. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p.39.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **Entre o tempo e a eternidade**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Original Francês.

PROUST, M. **O tempo redescoberto**. 2. ed. Tradução Mário Quintana. Porto Alegre: Editora Globo, 1960. Original Francês.

RAMONET, I. **A tirania da comunicação**. 2. ed. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. Original Francês.

RAMOS, J. N. **Jornalismo**: dicionário enciclopédico. São Paulo, SP: IBRASA Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A. , 1970.

ROJAS, C. A. A. **Tempo, duração e civilização**: percursos Braudelianos. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez Editora, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 89).

SANTO AGOSTINHO, **Vida e obra**: confissões. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SCHLESINGER, P. Newsmen and their time machine. In: TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001. p. 120. (Série comunicação).

STIX, G. Tempo real (Introdução). **Scientific American Brasil**. São Paulo: Duetto Editorial, n. 5, p. 50-53, out. 2002.

SENRA, S. **O último jornalista: imagens de cinema**. 2. ed. São Paulo: Estação liberdade, 1997.

TASCHNER, G. **Folhas ao vento: Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.(Série comunicação) .

TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1993. (Novas Buscas em Comunicação; v. 43).

TUCHMAN, G. Making news: A study in the construction of reality. In: TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo do século XX**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001. p. 95. (Série comunicação).

_____ **Making news by Doeng Work: Routinizing The Unexpected.** American Journal of Sociology, V. 79 N.1. 1973.

_____ **Objectivity as Strategic Ritual: Na Examination of Newsmen's Notions of Objective.** In: TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001. p. 119 (Série comunicação)

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo. ed. Pioneira, 1967.

WRIGHT, K. Os tempos da nossa vida (Biologia). **Scientific American Brasil**. São Paulo: Duetto Editorial, n. 5, p. 71-77, out. 2002.

ANEXOS

O Estado de S. Paulo
Controle de fechamento de páginas
 Edição Brasil de quarta-feira, 3 de julho de 2002

Caderno 2 - Brasil / S.Paulo

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	14 30	14 33	(3)	7
2	14 30	14 29	1	8
3	14 25	14 28	(3)	4
4	14 25	14 28	(3)	36
5	14 20	14 28	(8)	37
6	14 20	14 26	(6)	3
7	14 15	14 26	(11)	12
8	14 15	14 25	(10)	1

Cidades

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	20 5	20 8	(3)	3
2	20 0	20 1	(1)	1
3	19 55	19 59	(4)	4
4	19 50	19 26	24	6
5	19 45	19 13	32	5
6	19 40	19 9	31	2

Esportes

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	20 10	20 34	(24)	9
2	20 5	20 18	(13)	1
3	20 0	20 17	(17)	5
4	19 55	19 58	(3)	2
5	19 50	19 57	(7)	3
6	19 45	19 41	4	6
7	19 40	19 41	(1)	8
8	19 35	19 34	1	10
9	19 30	19 33	(3)	4
10	19 25	18 46	39	7

Seções

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
<i>Pri.</i>	20 15	20 34	(19)	1
<i>Opi.</i>	19 5	19 40	(35)	2
<i>Edit.</i>	19 45	19 35	10	3

Nacional

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	20 5	20 29	(24)	4
2	20 0	20 28	(28)	9
3	19 55	20 11	(16)	5
4	19 50	20 5	(15)	6
5	19 45	20 1	(16)	10
6	19 40	19 59	(19)	7
7	19 35	19 53	(18)	8

Economia

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	20 5	20 31	(26)	1
2	20 0	20 27	(27)	5
3	19 55	20 26	(31)	7
4	19 50	20 24	(34)	6
5	19 45	20 18	(33)	10
6	19 40	20 15	(35)	4
7	19 35	19 58	(23)	8
8	19 30	19 56	(26)	9
9	19 25	19 52	(27)	13
1	19 5	19 8	(3)	2 Direto da fonte
2	19 5	19 18	(13)	2 Artigos
1	19 45	18 40	65	12 The Wall Street
1	19 45	19 46	(1)	14 Bmf
2	19 45	19 26	19	15 Bovespa

Geral

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	19 55	20 13	(18)	13
2	19 50	20 13	(23)	14
3	19 45	19 54	(9)	12
4	19 40	19 37	3	11

Internacional

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	19 40	19 46	(6)	16
2	19 35	19 43	(8)	18
3	19 30	19 22	8	15
4	19 25	19 9	16	19
5	19 20	19 8	12	17

Ocorrências : Atraso de 3 minutos no fechamento do Caderno 2.

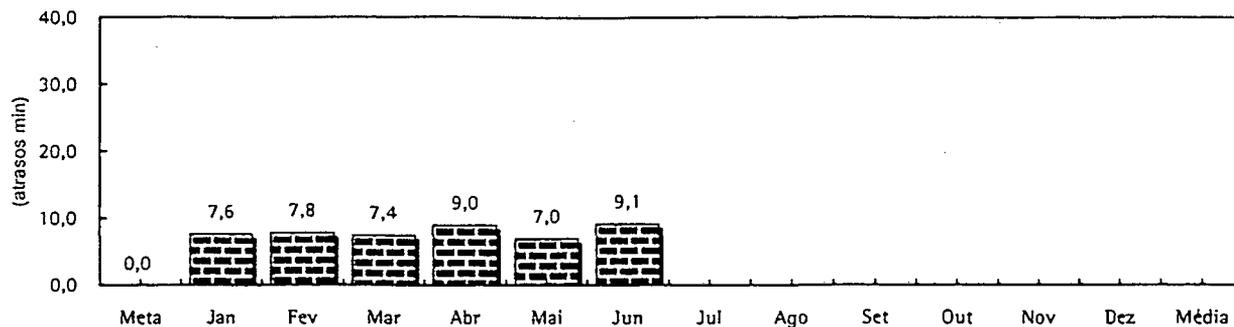
Ocorrências : Atraso no fechamento causado pela Primeira página e editoria de Esportes, 19 e 54 minutos.

Fluxo na última hora - 36 páginas.

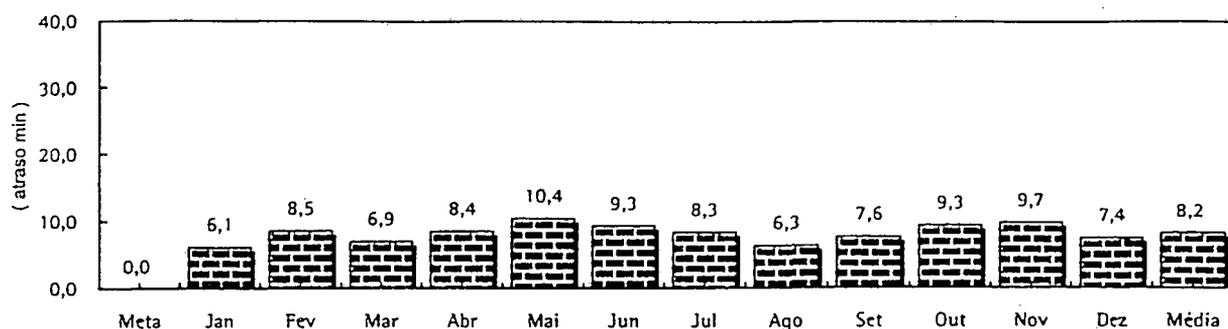
Trocas em segundo cliê - A1/13, B7, E6

MÉDIA DE ATRASO REDACIONAL - ANO 2001 / 2002

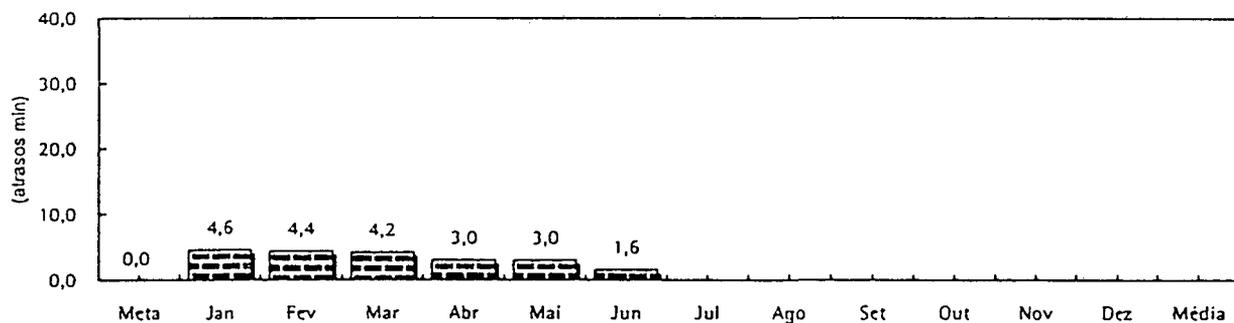
Edição Brasil / 2002



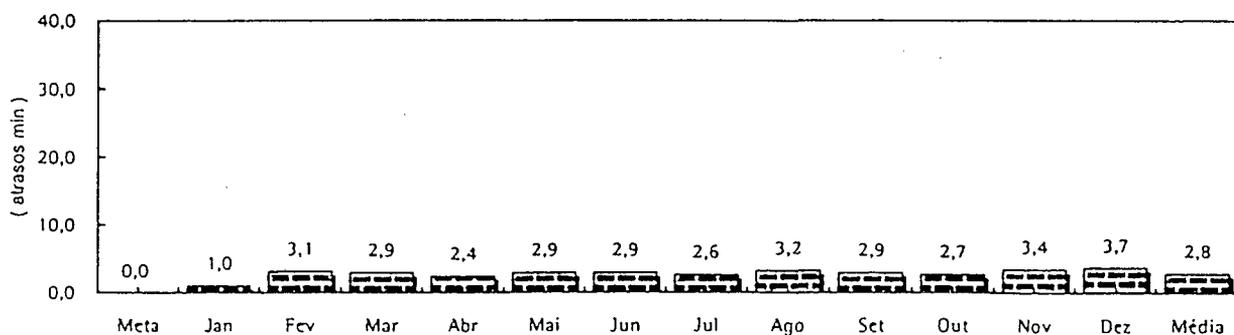
Edição Brasil / 2001



Edição S. Paulo / 2002



Edição S. Paulo / 2001



Controle de fechamento de páginas
Edição S.Paulo de quarta-feira, 3 de julho de 2002

Cidades

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	22 50	22 50	0	5
2	22 45	22 18	27	3
3	22 40	22 17	23	4
4	22 35	22 0	35	1

Esportes

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	22 50	22 52	(2)	1
2	22 45	22 52	(7)	4
3	22 40	22 52	(12)	5

Seções

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
<i>Pri</i>	23 0	23 8	(8)	1

Nacional

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	22 50	22 35	15	10
2	22 45	22 16	29	9
3	22 40	22 13	27	7
4	22 35	22 13	22	8
5	22 30	22 9	21	4
6	22 25	22 9	16	5

Economia

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	22 50	23 2	(12)	7
2	22 45	22 58	(13)	4
3	22 40	22 47	(7)	13
4	22 35	22 46	(11)	1
5	22 30	22 38	(8)	6
6	22 25	22 38	(13)	8
7	22 20	22 32	(12)	5
8	22 15	22 22	(7)	9
9	22 10	22 20	(10)	10
10	22 5	22 20	(15)	12
11	22 0	21 15	45	15

Geral

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
1	22 40	22 43	(3)	13
2	22 35	22 42	(7)	14
3	22 30	22 16	14	12
4	22 25	21 54	31	11

Internacional

	<i>Prévia</i>	<i>Real</i>	<i>(Atraso)</i>	<i>Página</i>
--	---------------	-------------	-----------------	---------------

Ocorrências : Atraso no fechamento causado pela Primeira página, 8 minutos.

Fluxo na última hora - 27 páginas

Trocas em segundo clichê - A1, B13, E5